

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

PAULA NATHALIA GALINDO DA COSTA

ARTE E SERVIÇO SOCIAL: um exercício de intervenção profissional

MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL

**SÃO PAULO
2013**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

PAULA NATHALIA GALINDO DA COSTA

ARTE E SERVIÇO SOCIAL: um exercício de intervenção profissional

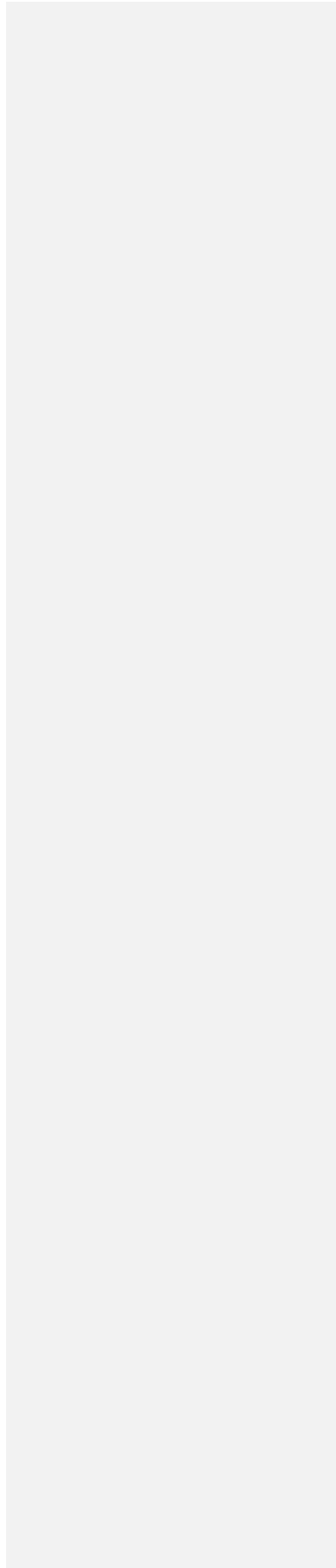
MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Serviço Social, sob a orientação da Professora Doutora Maria Lucia Rodrigues.

**SÃO PAULO
2013**

São Paulo, ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA



“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”

(Eduardo Galeano)

Dedico esta dissertação àqueles que buscam, de modo incansável, alternativas para vivermos em uma sociedade mais justa.

AGRADECIMENTOS

A Profa. Dra. Maria Lucia Rodrigues por compartilhar seus conhecimentos de maneira sábia e humilde.

Aos docentes do PEPGSS por terem colaborado de maneira incondicional nessa incessante busca pelo conhecimento e maturidade acadêmica, que realizam seus trabalhos com extrema seriedade sem, contudo, perderem a sensibilidade.

Às Professoras Dras. Maria Carmelita Yazbek e Márcia Helena Farias pelas contribuições no exame de qualificação.

Aos colegas que tive oportunidade de conhecer durante essa trajetória, sobretudo os companheiros de representação discente.

Aos sujeitos da pesquisa pela riquíssima contribuição para o avanço do conhecimento.

A minha família pelo apoio e confiança.

A agência de pesquisa CNPQ por conceder o financiamento para a realização da pesquisa.

RESUMO

COSTA, Paula Nathalia Galindo da Costa. **Arte e Serviço Social:** um exercício de intervenção profissional. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

A presente dissertação visa analisar a arte como mediação da intervenção profissional do Serviço Social. Para tanto, é necessário compreender sua função social partindo do conceito de práxis e a relação que a arte mantém com a concepção de humano-genérico, pois é neste contexto que ela constitui componente fundamental da vida humana e significativa mediação para o trabalho do assistente social. Tomando por base Adolfo Sanchez Vázquez e Agnes Heller para compreender os conceitos de “práxis” e de “humano genérico”, realizamos um estudo empírico de natureza qualitativa, obtendo relatos de assistentes sociais que se utilizaram da arte como recurso para suas práticas profissionais. Nessa perspectiva, procuramos verificar de que modo a arte pode ou não corroborar como uma mediação ao trabalho do assistente social.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Serviço Social; Humanização; Necessidades.

ABSTRACT

COSTA, Paula Nathalia Galindo da Costa. **Art and Social Work**: an exercise of professional intervention. Dissertation (Master's Degree) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

This dissertation aims to analyze art as a means of professional intervention of Social Work. For this purpose it is necessary to understand its social function, based on the praxis concept and the relationship that art maintains with the conception of the generic human, because it is in this context that it constitutes a fundamental part of human life and act as a significant intercession in the job of the social worker. Building on the work of Adolfo Sanchez Vázquez e Agnes Heller to understand the concepts of “praxis” and “generic human”, we conducted an empirical study of qualitative nature, obtaining accounts of social workers who resorted to art as a resource for their professional practice. From this perspective we seek to clarify in what way art can or cannot corroborate as an intercession in the job of the social worker.

KEYWORDS: Art; Social Work; Humanization; Necessity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
Capítulo 1 A ARTE E SEU SIGNIFICADO HISTÓRICO.....	14
1.1 O movimento de elevação ao humano-genérico e a importância da Arte.....	14
1.2 A satisfação das necessidades humanas como condição inerente à vida.....	21
1.3 O espaço urbano e a produção e reprodução da desumanização.....	25
CAPÍTULO 2 SERVIÇO SOCIAL E ARTE: A EXPRESSÃO DA INTERVENÇÃO..	31
2.1 A mediação na prática profissional.....	31
2.2 O Serviço Social para além do atendimento às necessidades primárias e a função educativa da arte.....	35
CAPÍTULO 3 A PESQUISA E SEUS PARTICIPANTES: A DIMENSÃO ARTÍSTICA NA PRÁTICA PROFISSIONAL.....	42
3.1 Metodologia.....	43
3.1.1 Organização do Estudo.....	44
3.1.2 Sujeitos Entrevistados.....	45
3.2 Análise.....	47
3.2.1 Motivos que impulsionaram a articulação entre arte e Serviço Social.....	47
3.2.2 A relação entre a formação profissional do assistente social e a arte.....	52
3.2.3 Referências teóricas utilizadas para realizar ações ao nível da arte.....	56
3.2.4 Relevância da execução do trabalho envolvendo a Arte.....	59
3.2.5 Desafios do trabalho com arte no âmbito do Serviço Social.....	68
3.2.6 Influência da práxis artística na práxis social.....	74

	10
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS.....	79
ANEXOS.....	83
Anexo A – Roteiro de Questões.....	83

INTRODUÇÃO

No cenário cotidiano, o Serviço Social se encontra diante de uma multiplicidade de desafios para cumprir a materialização da proposta profissional inscrita em seu Projeto Ético Político. Essa relação se faz aparente porque a própria profissão se dá na contradição das relações capitalistas e desafia o profissional a reinventar sua prática constantemente no enfrentamento das expressões da questão social.

O Serviço Social é uma profissão que tem a possibilidade de intervir na vida dos sujeitos em dimensões que vão para além do atendimento a necessidades básicas, mas que, por meio da garantia de acesso a direitos sociais, permite diversas vias de ações com impactos de magnitude pessoal, social, política e ideológica na história de vida desses sujeitos.

O presente estudo tem como objeto a arte como mediação da intervenção profissional do Serviço Social, com o intuito de refletir em que medida pode ser possível uma prática que utilize o recurso artístico no atendimento às necessidades básicas dos sujeitos na configuração dos direitos sociais e na formação de processos reflexivos.

Ao longo da história, a arte tem instigado emoções, provocando as reações mais diversas possíveis. Por meio dela, tem sido possível experimentar sensações e expressar questões de grande relevância para o ser humano em seu formato singular e universal.

Dotada de uma essência dual, a arte possui a capacidade de sustentar, ao mesmo tempo, a sensação de conforto, de abalo e indignação. Por isso, ela está sempre presente em grandes acontecimentos, mudanças e transformações que ocorrem na sociedade, assumindo o papel de expressar os fatos em si ou projetando algo que se almeja.

Portanto, para um estudo da arte como mediação da prática profissional, vamos entendê-la como uma alternativa metodológica, e refleti-la a partir de dimensões como a autoconsciência, história e via de suspensão em Agnes Heller (2008).

Desse modo, ao compreender a arte como mediação da prática do assistente social, é fundamental analisá-la para além da perspectiva de ornamento, conhecendo sua função social e política, além de desmistificar uma possível pejorativa relação com o ócio, entendendo sua importância na dimensão humano-genérica. Para Heller (2008), a dimensão humano-genérica é o que caracteriza o ser humano enquanto indivíduo; o homem é um ser genérico, já que é

produto e expressão de suas relações sociais, herdeiro e preservador do desenvolvimento humano.

Expor o conceito de humano-genérico é fundamental para demonstrar como a arte está contida de uma natureza inerente à vida, portanto, ela pode ser um importante aliado nas ações realizadas pelo assistente social. É importante verificar se sensibilidade subjacente à arte pode contribuir para avanços na práxis profissional e na práxis na vida social dos sujeitos usuários.

Para realizar tal análise, este trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro capítulo – A arte e seu significado histórico – refletimos sobre o papel da arte na evolução social da espécie humana, com destaque para sua relativa contribuição no que denominamos por humanização do homem.

Partindo dessa perspectiva, foi necessário o estudo da incessante desumanização do espaço urbano que afeta intensamente as classes subalternas e das necessidades humanas básicas, pois a análise desses elementos proporcionará a via de entendimento de processos que afetam a vida humana e descaracterizam a essência do ser enquanto humano genérico.

No segundo capítulo – Serviço Social e Arte: a expressão da intervenção – trataremos conceitualmente do significado da mediação, do atendimento às necessidades dos sujeitos e a arte como função educativa.

Nesse sentido, busca-se aprofundamento sobre um importante modo de trabalho do assistente social, afinal, trata-se de ações profissionais com finalidades de elevação humana dos sujeitos usuários, ao contrário de práticas de enquadramento e reprodução da desumanização tão demarcadas no histórico da profissão.

No terceiro capítulo – A Pesquisa e seus Participantes: a dimensão artística na prática profissional – é apresentada a pesquisa de campo, realizada através das narrativas de sujeitos que vivenciaram a prática profissional cotidiana tendo a arte como via de resistência ao contexto societário. Estas narrativas retratam de que maneira pode ser possível – apesar de todas as limitações que são inerentes ao sistema – uma intervenção compromissada, de fato, com o despertar da consciência.

A análise dos depoimentos foi realizada considerando categorias empíricas e teóricas que apareceram nas falas que compõem perspectivas de trabalho dignas de reconhecimento, dado os impactos que proporcionam na vida dos sujeitos a quem se destina.

Para o encerramento, são apresentadas Considerações Finais; nesse momento foram revistos aspectos tratados ao longo do trabalho, de modo que foi possível compor reflexões acerca da pesquisa.

Capítulo 1 A ARTE E SEU SIGNIFICADO HISTÓRICO

1.1 O movimento de elevação ao humano-genérico e a importância da Arte

“A arte perturba os satisfeitos e satisfaz os perturbados.”

(Witold Gombrowicz)

[A1] Comentário: Não acha melhor colocar essa citação no “Capítulo 1” e não no 1.1?

Ao longo da história da humanidade ocorreram progressos que fizeram com que a espécie humana passasse por processos evolutivos possibilitando aos homens chegarem ao formato que apresentam atualmente. A humanização do homem como um processo contínuo, embora fragmentado e desigual, foi se constituindo na medida em que atividades específicas do gênero humano iam se delineando e alterando suas características físico-biológicas, psíquicas, sociais, relacionais. Conforme Serres (2004), inicialmente, o ancestral quadrúmano precisou rasgar a membrana que desliza ao longo do tronco e cair sinuosamente sobre o solo, de modo que se formou duas mãos, dois pés, uma cabeça nua e livre que precisou começar a pensar em construir uma habitação com as mãos.

Esse movimento provocou a verticalização do corpo e alterou a estrutura física da espécie, mas, para atingir o formato atual enquanto gênero humano, também ocorreram alterações na sociabilidade, além do desenvolvimento de necessidades sociais. Temos como exemplo disso quando o autor retrata o ato de “construir uma habitação”; neste contexto é demonstrado uma das mudanças no modo de organização social, pois o homem, tendo a necessidade de um abrigo, passa a criar um local de sua posse para viver/morar.

[A2] Comentário: Referência.

O fato demonstra que, no decorrer do processo histórico, o ser humano vai desenvolvendo sensibilidades que fazem gerar novas necessidades à condição de sua existência. Desse modo, é possível visualizar uma relação cíclica, pois, na medida em que a espécie evolui em suas características físicas e sociais, surgem necessidades de criar elementos para satisfazer essas novas demandas.

Gradativamente, nossa espécie vai vivenciando modificações particulares e estruturais, adquirindo, assim, as capacidades peculiares que apresenta na atualidade. Neste estudo, partimos do pressuposto de que o processo de transformação humana tem seu ponto culminante quando o homem mantém o domínio para transformar a natureza; nesta etapa da

história, ele adquire a capacidade de se objetivar no produto de seu trabalho. Cada vez que transforma a natureza e gera algo novo, esta construção terá influência direta no desenvolvimento de novas sensibilidades para a espécie e, ao aumentar as sensibilidades, gera novas necessidades, novas formas de organização, de serviços, de vida.

A satisfação dessas necessidades contribui fundamentalmente para identificar a condição de ser humano, pois são necessidades sociais e fundamentais para contemplar a plena realização do “humano-genérico”.

O conceito de “humano-genérico” será desenvolvido aqui a partir de Agnes Heller (2008), filósofa húngara, em sua obra *O Cotidiano e a História*. Historicamente analisado, “[...] a vida cotidiana é a vida do homem ‘inteiro’; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade (p.31). Também o genérico está ‘contido’ em todo homem e, mais precisamente, em toda atividade que tenha caráter genérico, embora seus motivos sejam particulares” (p.35).

[A3] Comentário: São as páginas?

A perspectiva “humano-genérica” nos auxilia a compreender o homem por inteiro, com suas particularidades, emoções, motivações e também, ao mesmo tempo, socialmente do “gênero humano”; tem o homem a capacidade e possibilidade de viver inteiramente colocando em movimento, livremente, suas forças, suas habilidades e sua criação. A busca pelo humano-genérico exige iniciativas e procedimentos que tendam para além da vida; é estimulada pela paixão-desejo que orienta nessa direção sustentada nas capacidades individuais e condições materiais – ambas objetivamente dadas – bem como tenciona força para outra sociabilidade capaz de derrubar progressivamente as barreiras sociais à humanização mais radical (HELLER, 2008).

A partir desse entendimento, compreende-se que todo homem é singular individual-particular por atuar segundo seus instintos e necessidades socialmente formados referidos ao seu Eu. E, ao mesmo tempo, o homem é ente humano-genérico porque atua como membro do gênero humano, mantendo um caráter peculiar nos seus sentimentos e necessidades.

A arte, como forma privilegiada de práxis e objetivação humana criativa, corresponde ao processo histórico de ampliação das capacidades humano-genéricas, pois, ao longo desse processo, a sensibilidade para apreciá-la foi se desenvolvendo nos hábitos culturais humanos. Portanto, a arte cumpre um papel de extrema relevância no processo de humanização do homem.

Nesse sentido, há que se reafirma em Heller (2008, p.15) que “A essência humana, portanto, não é o que esteve ‘sempre presente’ na humanidade (para não falar mesmo de cada indivíduo), mas a realização gradual e contínua das possibilidades imanentes à humanidade, ao gênero humano”.

Para Nunes (1991), é possível compreender que a palavra *artis*, de origem latina, corresponde ao grego *tékne* que significa todo e qualquer meio apto à obtenção de determinado fim; o autor afirma que arte é, no sentido lato, meio de fazer, de produzir, concluindo que artísticos são todos aqueles processos que, mediante o emprego de recursos adequados, permitem-nos fazer bem uma determinada coisa.

Portanto, o autor considera que arte é a própria disposição prévia que habilita o sujeito a agir de maneira pertinente, orientado pelo conhecimento antecipado daquilo que quer fazer ou produzir.

Para Adolfo Sanchez Vázquez (2011), a arte é produção de uma nova realidade na qual culmina um processo que teve seu ponto de partida na consciência sob a forma de uma intenção; trata-se de um esboço ou de um projeto que foi se modificando ao longo desse percurso até adquirir uma realidade objetiva.

Entendendo a arte nessa relação teleológica¹, Vázquez (2010) considera que ela nasce nas fases aurignaciana (34.000 e 23.000 a.C.) e magdaleniana (15.000 a 9.000 a.C.) do paleolítico superior a partir do trabalho, isto é, recolhendo os frutos da vitória do homem pré-histórico sobre a matéria para, assim, elevar o humano – mediante esta nova atividade que hoje chamamos artística – a um novo nível.

Vázquez (2010) relata que os instrumentos de trabalho criados ao longo desse período representam um prolongamento da mão. Ao longo da evolução humana, os membros abandonam o ser para formar aparelhos; trata-se de ferramentas semelhantes aos membros humanos e cada novo instrumento contribuiu para que a própria mão do homem fosse tornando-se mais fina, mais flexível e dócil à consciência, ou seja, mais humanizada.

Esse processo demonstra que a evolução da espécie fica mais evidente com o desenvolvimento das forças produtivas, pois com isso ocorre a amplificação da sensibilidade, da criatividade. Demonstra também que a criação de novos objetos propicia a humanização: “Quando o homem dispõe já de um instrumento tão fino, tão humanizado quanto o burril,

¹ Teleologia considerada como a capacidade humana de projetar algo idealmente antes de construí-lo.

capaz de obedecer aos movimentos mais delicados e precisos da mão, já está em condições de traçar as prodigiosas figuras de animais selvagens das cavernas [...]” (VÁZQUEZ, 2010, p.65).

O homem, nessa fase da história, apresenta-se, portanto, apto a criar e sensível para apreciar o estético; o “estético” é a ciência que trata dos fundamentos da arte, além do belo – ou privação dele – e do sentido que ele desperta na produção das emoções. Tal ciência constitui uma dimensão essencial da existência humana e do homem enquanto ser criador, bem como a necessidade que o homem tem de afirmar-se como ser humano e de manter-se e elevar-se como tal.

Vázquez (2010) afirma que, na relação estética, o homem satisfaz a necessidade de expressão e afirmação que não pode satisfazer, ou que só satisfaz de modo limitado em outras relações com o mundo. Na criação artística ou relação estética criadora do homem com a realidade, o subjetivo se torna objetivo (objeto) e o objeto se torna sujeito, mas um sujeito cuja expressão já objetivada não só supera o marco da subjetividade, sobrevivendo a seu criador, como pode ser compartilhada, quando já fixada no objeto, por outros sujeitos. A sensibilidade estética surge no processo de afirmação do ser humano e mantém intensa relevância no processo de elevação ao humano genérico, afinal:

A criação artística e, em geral, a relação estética com as coisas é fruto de toda história da humanidade e, por sua vez, é uma das formas mais elevadas de afirmação do homem no mundo objetivo. Foi justamente a atividade prática dos homens que criou as condições necessárias para elevar o grau de humanização das coisas e dos sentidos até o nível exigido pela relação estética (VÁZQUEZ, 2010, p. 74).

O prazer que hoje é chamado de estético foi sendo suscitado no homem na medida em que o interesse pela utilidade espiritual do produto de seu trabalho, referente à capacidade criadora do homem ou realidade humana objetivada, predomina sobre o interesse da utilidade material e prática desse produto, ou seja, a capacidade de satisfazer uma necessidade humana determinada. Isso se dá numa relação em que o produto adquire um valor que supera o meramente utilitário, e o homem vê nele sua potência criadora afirmada e materializada (VÁZQUEZ, 2010).

Ultrapassando as exigências práticas, no próprio seio do objeto útil, o artista dos tempos pré-históricos adorna os ossos de rena ou de mamute, fazendo estrias que se alternam simetricamente, isto é, introduzindo temas decorativos. A transformação das qualidades naturais do objeto se opera nesses casos mediante considerações que ultrapassam o ponto de vista meramente utilitário. A disposição das estrias no objeto útil, de acordo com uma ordem simétrica, não é exigida pelo uso do objeto. Desse

modo, a presença de um motivo decorativo revela já certa autonomia do objeto decorado com relação à sua função meramente utilitária (VÁZQUEZ, 2010, p.67).

Nessa perspectiva, a partir de um longo e paciente caminho aberto pelo trabalho humano é que se pôde realizar a ultrapassagem do meramente utilitário ao inserir motivos geométricos ou figurativos no objeto útil. E a arte só chegou à esplêndida figuração das pinturas rupestres² mediante essa transposição da significação prática dos objetos úteis; por meio da magia alcança-se certa autonomia em relação à sua utilidade material, mas, após esse processo, a arte coloca-se a serviço de um interesse prático e utilitário, trata-se da caça de animais selvagens (VÁZQUEZ, 2010).

O caçador pré-histórico representou nas cavernas animais que inspiravam a ele temor (bisontes, cavalos selvagens, etc.); nesse momento, a arte rupestre afasta toda intenção decorativa – já que as pinturas aparecem em locais muito obscuros e inacessíveis das cavernas – desse modo, não se busca um efeito estético, mas sim um efeito mágico, pois na luta do homem pré-histórico para subsistir, defender-se ou conseguir alimento, pintam-se animais atravessados por flechas com a finalidade de contribuir para ferir ou matar o animal perigoso na vida real (VÁZQUEZ, 2010). Esse efeito mágico demonstra o homem pré-histórico dando utilidade ao elemento artístico, pois materializa na obra a intenção que deseja ver realizada.

Read (1967) considera que é impossível conceber uma sociedade sem arte, e que mesmo os registros dessas antigas civilizações ainda atraem nossa sensibilidade estética, bem como propiciam o conhecimento delas. Se relacionarmos esse fato histórico a partir da perspectiva de Agnes Heller – que trata a arte como memória da humanidade –, é possível também analisar que esses registros possibilitaram o conhecimento da organização cultural de nossos antepassados e os desafios vivenciados por estes para manter a sobrevivência.

Além disso, as considerações históricas realizadas por Vázquez (2010) demonstram um movimento em que o homem, após transitar do útil ao estético, volta de novo ao útil. Faz-se visível, portanto, a importância da arte na vida social em dois sentidos: no primeiro momento como necessidade geral do homem de criação e apreciação do estético e, posteriormente, como um efeito mágico capaz de motivar previamente a intencionalidade de uma ação.

² Muitos registros relativos à pintura rupestre são encontrados em Lascaux, um complexo de cavernas no sudoeste da França; em Dordogne, também na França; e em Altamira, na Espanha.

Assim, o autor se refere: “Com a representação pictórica, o pintor caçador pretende antecipar ou facilitar o que materialmente, com suas armas e instrumentos reais, não pode obter” (p. 69). Nesse sentido, a criação artística motiva uma intenção.

Pensando essa relação na atualidade, a arte se mostra, muitas vezes, como uma atividade importante diante dos desafios da vida social, que não são mais a luta do homem para sobreviver na natureza selvagem como no período pré-histórico quando pintava os animais selvagens atravessados por flechas, mas representam agora uma nova selvageria: trata-se da luta pela sobrevivência digna no espaço urbano da sociedade capitalista.

Para além da pintura, evidencia-se ao longo da história, até a atualidade, uma diversidade de modalidades artísticas que cumprem a dimensão criadora – inerente ao ser humano – e que, de alguma maneira, expressam a sensibilidade humana e a potência de sua criação: trata-se da música, da escultura, do teatro, do cinema, da poesia, da arquitetura, entre outros.

Em grande proporção, essas expressões artísticas exercem o papel de memória da humanidade, afinal, mostram questões históricas que possibilitam entender por que determinadas relações se apresentam na atualidade, evidenciam os fatos que ocorreram nas bases da sociedade e as mudanças históricas da realidade.

Cabe assinalar que nem toda produção artística possibilita essa magnitude, haja vista que a presença “da cultura de massas, denominada cultura por ser hegemônica, é adversária de consciência” (SANTOS, 2007, p.84); mas a própria produção pode ser universal, livre, consciente ou, ao contrário, ocorre na alienação, especializada, mecânica, escravizada ao salário, mantendo-se sob a ótica do capital (HELLER, 2008).

Em caso de representar de fato uma relação de afirmação humana, Vázquez (2010) relata que a obra de arte é um objeto no qual o sujeito se expressa, exterioriza e reconhece a si mesmo, e que a essa concepção da arte somente se pode chegar quando se viu na objetivação do ser humano uma necessidade que a arte, diferentemente do trabalho alienado, satisfaz positivamente.

O homem se eleva, se afirma, transformando a realidade, humanizando-a, e a arte com seus produtos satisfaz essa necessidade de humanização. Por isso não há – nem pode haver – arte “pela arte”, mas arte por e para o homem. Dado que este é, por essência, um ser criador, cria os produtos artísticos porque neles se sente mais afirmado, mais criador, isto é, mais humano (VÁZQUEZ, 2010, p.43).

De acordo com Vázquez (2011), a produção ou criação de obras artísticas como necessidade geral humana de expressão e comunicação permite a criação de objetos que elevam a um grau superior a capacidade de expressão e objetivação humanas, visto que o homem se afirma criando ou humanizando o que toca. A obra artística diz respeito à criação de uma nova realidade, a práxis artística – ao ampliar e enriquecer com suas criações a realidade já humanizada – é essencial para o homem.

A possibilidade de criar uma nova realidade faz com que o homem vislumbre cada vez mais novos horizontes; esse despertar pode produzir um efeito capaz de estimular progressivamente a mudança do estado em que se encontra por meio de elementos que provocam a sensibilidade e as emoções.

Uma obra de arte é, antes de qualquer coisa, uma criação do homem e vive graças à potência criadora que encarna esse ponto de vista. Precisamente, por ser uma forma superior de criação e testemunho excepcional da existência criadora, o humano está sempre presente em todo produto artístico; por isso, a criação artística como produto do homem se dá mediante uma relação objetiva e subjetiva, e o universal humano que ela realiza não é o universal abstrato e intemporal, mas, sim, o universal humano que surge *no e pelo* particular.

Para Heller (2008), a arte eleva o homem acima do cotidiano; o cotidiano é marcado pela heterogeneidade, imediatividade e superficialidade de todas as esferas da realidade, é o que mais se presta à alienação. Por meio da arte, o ser suspende a vivência cotidiana, se reencontra com o gênero humano e, ao voltar ao cotidiano, tem a possibilidade de vê-lo com outros olhos.

A autora afirma ainda que a arte cumpre também, enquanto autoconsciência e memória que é da história humana, a função de “elevar” a particularidade individual ao genericamente humano; por esse motivo, pode-se observar que uma das categorias mais centrais da arte, a catarse, seja propriamente uma categoria ética.

A catarse diz respeito a um momento de purificação, pois é justamente por meio dela que o sujeito se afasta da vida cotidiana, suspendendo a vivência alienada. Nesse aspecto, a arte cumpre uma importante função do ponto de vista da liberação de emoções, mas também do educar dos sentidos.

Realizar uma análise acerca da importância da arte no processo de evolução do homem e da sociabilidade humana é considerar a obra artística como uma atividade de criação

e manifestação do poder criador do homem. Trata-se de um degrau superior do processo de humanização da natureza e do próprio homem, pois “Se o homem só pode se realizar saindo de si mesmo, projetando-se fora, isto é, objetivando-se, a arte cumpre uma alta função no processo de humanização do próprio homem” (Vázquez, 2010, p. 49). E, além disso, a arte contém em si importantes aspectos ideológicos e de estímulo aos sentidos e emoções que mantém impactos diretos na vida social.

1.2 A satisfação das necessidades humanas como condição inerente à vida

O processo de humanização do homem é complexo, gradativo e constante; observamos através de estudos que envolvem relações gradativas, cíclicas e que ocorreu conforme o homem foi criando objetos para satisfazer suas necessidades para existir e sobreviver. Essas necessidades, uma vez satisfeitas, tornam o homem cada vez mais sensível a novas descobertas, passando a carecer de outras criações que venham a suprir as novas necessidades.

Como ser natural humano, o homem continua vivendo sob o império da necessidade; mais precisamente, quanto mais humano, torna-se mais necessitado, isto é, mais se amplia o círculo de suas necessidades *humanas*. Podem ser necessidades naturais humanizadas (a fome, o sexo etc.), quando o instintivo ganha uma forma humana; ou podem ser necessidades novas, criadas pelo próprio homem, no curso de seu desenvolvimento social, como a necessidade estética (VÁZQUEZ, 2010, p.57).

“Sob o império da necessidade humana, o homem deixa de ser passivo, e a atividade entra como um elemento essencial em sua existência” (VÁZQUEZ, 2010, p.57). Assim, há aquelas necessidades que foram criadas pelo homem ao longo da história e aquelas que são consideradas naturais humanizadas, como trata Vázquez.

Realizando um paralelo com o pensamento de Marx, é possível entender que a forma de sociabilidade define o objeto de consumo e também o modo de consumo; não só define de forma objetiva (material), mas também subjetiva (interior: modos e regras de comer). Desse modo, Marx (1974, p. 220) afirma que “A fome é a fome, mas a fome que se satisfaz com

carne cozinhada, comida com faca e garfo, não é a mesma fome que come a carne crua, servindo-se das mãos, das unhas, dos dentes”.

No estágio de sociabilidade em que vivemos, a satisfação de algumas necessidades são imprescindíveis para possibilitar um conteúdo humano e social, como, por exemplo, a habitação adequada, o vestuário que atenda as especificidades climáticas regionais, alimentação nutritiva, condições de trabalho desprovidas de riscos à saúde física e mental, cuidados apropriados de saúde, de educação com qualidade para possibilitar o desenvolvimento criativo, entre outros. No entanto, essas condições não estão acessíveis a todos.

Não estamos tratando aqui de satisfazer as necessidades de consumo impostas pelo mercado – que, na busca desenfreada pela venda de produtos, intensifica as relações de produção e, em escala proporcional, acentua a exploração do trabalho e das questões sociais decorrentes deste processo –, mas estamos nos referindo aos níveis básicos de proteção social necessários para manter o grau de sociabilidade plausível entre os homens. Trata-se de uma proteção que não se limita à mera sobrevivência biológica, mas que agrega diversas dimensões da vida social.

A própria Constituição Federal brasileira de 1988, considerada Constituição Cidadã por seu caráter democrático, especifica alguns destes componentes no capítulo que trata dos direitos sociais, são eles: a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados. Destacamos esses itens a partir do entendimento que os direitos sociais, por sua natureza coletiva, agregam estreita vinculação com o conceito de necessidades e sociabilidade.

Pereira (2011), ao referir-se à satisfação de necessidades, relaciona o tema às políticas sociais para diferenciar aquilo que é mínimo do que é básico, de modo que mínimo tem conotação de menor, de menos, ínfimo, relativo a patamares que beiram à desproteção, enquanto básico expressa algo fundamental, principal, primordial, relativo ao exercício da cidadania em acepção mais larga e otimização.

A autora relata ainda que usufruir de bens e serviços básicos tem uma relação direta com o fato de desfrutar uma vida prolongada e saudável com conhecimento, liberdade

política, segurança social, participação cumulativa, direitos humanos garantidos e respeito a si próprio.

Para Pereira (2011), aqueles que não usufruem de bens e serviços sociais básicos ou essenciais, sob a forma de direitos, não são capazes de desenvolverem-se como cidadãos ativos, pois se tratam de direitos indispensáveis e incondicionais de todos. Nesse sentido, a autora afirma que quem não tem direitos garantidos por falhas do sistema socioeconômico terá que ser ressarcido desse déficit pelo próprio sistema.

No estágio em que se encontra a economia capitalista, as políticas sociais têm representado uma das maneiras mais equânime para se enfrentar as privações econômicas e sociais geradas pelo modo de produção, marcado que é, pela intensa produção e reprodução de desigualdades.

Entretanto, é próprio da política macroeconômica na presente conjuntura e bastante específico em termos de Brasil que o atendimento a necessidades básicas seja realizado minimamente. As políticas sociais são em grande parte planejadas e executadas de forma a não se estender para graus mais elevados que permitam aos sujeitos reações secundárias, ou seja, ao nível de educação, politização, autonomia, práticas reflexivas, de sensibilidade e mesmo a práxis social; são, geralmente, políticas compensatórias e pontuais.

Cumprir o papel de atendimento das necessidades humanas elementares é responder a uma questão primária e inerente à manutenção do corpo físico; no entanto, o corpo não é somente físico, ele comporta dimensões que demandam outras formas de sustentação além do abrigo, da alimentação e do vestuário. O corpo é a morada de todo o homem por inteiro, de toda sua potencialidade singular e coletiva, de sua mente criadora, de sua alma, de sua objetividade e subjetividade, de seus anseios e pulsões.

Privar-se dessas outras dimensões é manter-se em contextos embrutecidos que não proporcionam o prazer, a alegria, o exercício reflexivo. A ausência destes elementos pode, inclusive, provocar um engessamento da vida, de modo a impedi-la, inclusive, desde a satisfação das questões mais elementares até as mais complexas.

Isso nos faz pensar que utilizar vias para otimizar ações minimalistas pode ser um importante meio para dar atenção à totalidade do corpo, ou seja, atender ao conjunto de determinações que ele exige para que seja contemplado em sua plenitude no estágio de sociabilidade que nos encontramos. Desse modo, ao realizar o atendimento às necessidades

mais primárias, é imprescindível a articulação e desenvolvimento de ações complementares, ou seja, aquelas que são fundamentais no âmbito da sociabilidade.

Posto isso, as necessidades criadas no curso do desenvolvimento social desempenham um importante papel para a reprodução da vida. Nesse contexto, a arte surge para satisfazer uma necessidade especificamente humana; a criação e o gozo artísticos fazem parte do reino das necessidades do homem. “A arte é, nesse sentido, a expressão do homem em face não apenas da necessidade física, imediata, instintiva, mas também em face de necessidades humanas que possuam um caráter prático, unilateral” (VÁZQUEZ, 2010, p.63).

A arte, como o trabalho, é criação de uma realidade em que se plasam finalidades humanas, mas nessa nova realidade domina sobretudo sua utilidade espiritual, isto é, sua capacidade de expressar o ser humano em toda sua plenitude, sem as limitações do produto do trabalho. A utilidade da obra artística depende de sua capacidade de satisfazer não uma necessidade material determinada, mas a necessidade geral que o homem sente de humanizar tudo quanto toca, de afirmar sua essência e de reconhecer o mundo objetivo criado por ele. (VÁZQUEZ, 2010, p.62)

O autor relata que a necessidade humana faz do homem um ser ativo, e sua atividade é, antes de qualquer coisa, criação de um mundo humano que não existe por si mesmo fora do homem. O exercício da criatividade é algo importante para produzir elementos que possam suprir as necessidades objetivas, mas também é relevante para satisfazer as necessidades subjetivas de expressão das emoções, dos pensamentos, das culturas; utilizar a criatividade com estas funções pode manter uma relação direta para a práxis social.

Práxis, tomada pela concepção de Vázquez (2011), é compreendida como atividade humana transformadora da realidade natural e humana, ação do homem sobre a matéria criando através dela uma nova realidade que para tanto exige atividade cognoscitiva; e práxis social é considerada como aquela que leva à produção de uma nova realidade política, econômica ou propriamente social. Complementando este conceito de práxis com o pensamento de Heller (2008, p. 49), afirma a autora que “A atividade prática do indivíduo só se leva ao nível da práxis quando é atividade humano-genérica consciente”.

Nesse sentido, observamos que a realização do sujeito social depende fundamentalmente da satisfação de necessidades elementares para a manutenção do corpo físico, mas não apenas estas são capazes de contemplar plenamente a vida social dos indivíduos, pois a realização ultrapassa as condições orgânicas; o próprio desenvolvimento

das sensibilidades possibilitou a manifestação das dimensões também psicológicas, sociais, relacionais, objetivas e subjetivas.

Satisfazer as necessidades fisiológicas exigidas pelo corpo é algo essencial e objetivo, mas manter as condições para satisfazer as necessidades subjetivas é de suma importância; trata-se de uma articulação onde a satisfação das necessidades objetivas e subjetivas está intrinsecamente relacionada, pois cada elemento depende do outro para que se possa compreender o significado de *homem por inteiro* (Heller, 2008).

1.3 O espaço urbano e a produção e reprodução da desumanização

*A cidade se encontra prostituída,
Por aqueles que a usaram em busca de saída.
Ilusora de pessoas e outros lugares,
A cidade e sua fama vai além dos mares.*

(A CIDADE - Chico Science & Nação Zumbi)

A satisfação das necessidades desenvolvidas no curso da história está diretamente relacionada à condição humana, ou seja, à dimensão evolutiva da espécie e sua sobrevivência no atual modelo civilizacional de sociabilidade.

No entanto, ainda que se tenha chegado ao atual nível de evolução da sociabilidade, “O capitalismo constitui a primeira sociedade que, mediante a força e estrutura social, condena classes inteiras da população a lutar cotidianamente pela satisfação das necessidades existenciais puras e simples, desde a época da acumulação primitiva até hoje” (HELLER, 1998, p. 117).

Partimos do entendimento que a realidade do espaço urbano³ apresenta relações peculiares de sua estrutura econômica, que, conseqüentemente, resultam em processos de

³ Não se pretende aqui realizar um quadro comparativo de que a vida no espaço urbano apresenta questões mais significativas e problemas mais intensos que a rural; a necessidade de delimitação de área se dá apenas por uma questão metodológica de conseguir cumprir com o proposto.

desumanização, afetando, sobretudo, as classes subalternas⁴, privando-as dos mínimos necessários para manter a sobrevivência.

O Brasil expressa essa relação de maneira muito evidente, principalmente por assumir o patamar de um dos países mais desiguais do mundo, os centros urbanos apresentam um cenário contraditório e caótico. Santos (2007) afirma que são cidades que passaram por um crescimento desordenado e atraem cotidianamente populações de cidades menores que se deslocam em busca de melhores condições de vida, iludidas com o mercado ou com melhores condições de trabalho.

Considerando as condições necessárias para uma vida digna, os processos de desumanização podem ser observados como um retrocesso, algo que vai em direção contrária ao progresso da sensibilidade, que não possibilita as condições socialmente necessárias para a manutenção de níveis de subsistência, portanto, anti-humano.

Esta realidade aparece como algo inadmissível para uma sociedade em que os homens produziram tantos avanços. Mesmo com o desenvolvimento das aptidões mais extraordinárias, capazes de viabilizar a satisfação das necessidades de subsistência, a questão socioeconômica impossibilita milhões de pessoas ao acesso daquilo que lhes é mais básico. Por outro lado, para além das condições sociais e econômicas, o homem não conseguiu ainda um grau de desenvolvimento de pensamento e de ação capaz de fazê-lo organizar a sociedade de modo a diminuir as desigualdades e diferenças de classes sociais.

É incabível pensar que atualmente possa haver pessoas sobrevivendo sem abrigo e à mercê das intempéries, saciando a fome com alimentos em estado de decomposição e detritos, sem acesso à vestimenta que os proteja da exposição às condições climáticas, num cenário de total incoerência no qual a modernidade se sustenta no que pode haver de mais arcaico.

Nesse espaço, sobrevivem crianças, perdendo a cada dia a identidade lúdica da infância para assumir uma vida em busca de sobrevivência nas ruas em meio ao cinza do “progresso”, muitas vezes carentes de vínculos afetivos que auxiliem a formação identitária.

Trata-se de um espaço em que uma grande parcela dos sujeitos está privada dos elementos básicos que são essenciais para a satisfação das necessidades humanas mais primárias. Aqueles que estão infimamente inseridos vivenciam um desgastante cotidiano em

⁴ Em caráter de conceituação, tomamos como classes subalternas a concepção de Yazbek (2009), como a ausência de poder de mando, decisão, criação e direção, além do fator que caracteriza o mundo dos dominados, dos submetidos à exploração e exclusão social, econômica e política.

suas atividades laborativas, as possibilidades de qualidade de vida são sugadas, atuam em atividades mecânicas e exploradas que os impossibilitam de expressar as capacidades criativas.

Nesse aspecto, é possível verificar diversos determinantes que fazem parte da rotina cotidiana desses sujeitos, pois estão inseridos no mercado de trabalho de maneira marginal, ficando submetidos a condições degradantes, de modo que também se enquadram no patamar da desumanização. Remetendo-se a Santos (2007), temos que considerar algumas peculiaridades dessa população.

Como morar na periferia é, na maioria das cidades brasileiras, o destino dos pobres, eles estão condenados a não dispor de serviços sociais ou a utilizá-los precariamente, ainda que pagando por eles preços extorsivos. É o mesmo que se dá com o transporte. Caros e ruins. Ruins e demorados. Como conciliar o direito à vida e as viagens cotidianas entre a casa e o trabalho, que tomam horas e horas? A mobilidade das pessoas é, afinal, um direito ou um prêmio, uma prerrogativa permanente ou uma *benesse* ocasional? Como há linhas de ônibus rentáveis e outras não, a própria existência do transporte coletivos depende de arranjos bem-sucedidos, e nem sempre claros, entre o poder público e as concessionárias (p.63).

Não apenas em relação ao transporte público, mas a vivência da desumanização apresenta-se nos diversos setores da vida dessa população trabalhadora; trata-se da ausência do mínimo de dignidade na habitação, muitas vezes insalubre e desprovida de privacidade, ou na alimentação que por não manter os mínimos nutritivos pode influenciar o desenvolvimento físico e cognitivo dos filhos, ou ainda no trabalho que é explorado e opressivo, no limitado ou nulo acesso à cultura e lazer, nas condições de saúde, entre outros.

Para Santos (2007), a área urbana se materializa num espaço de não cidadãos, na medida em que estes representam, na realidade, consumidores, tanto de bens materiais como imateriais ou culturais, de modo que o acesso aparece enquanto conquista pessoal e não direito social.

O panorama urbanístico de segregação e desigualdade social demonstra uma barbárie destrutiva, como relata Soares (2007, p.142-3): “Nas comunidades pobres, jovens sem perspectiva e esperança, excluídos da cidadania, com sua autoestima devastada, são recrutados todos os dias para o tráfico, para uma vida vibrante, mas breve, e a morte prematura e cruel, antes dos 25 anos”.

Ainda que a expectativa de vida tenha aumentado com o avanço da medicina, o espaço urbano produz cotidianamente uma relação contrária quando submete os jovens a uma vida de

riscos, mostrando-lhes como alternativa a faceta mais perversa do sistema. Como tão bem expressou João Cabral de Melo Neto em sua obra *Morte e Vida Severina* tratando de outro contexto espacial, mas na mesma relação estrutural, “é a morte que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia”. Nessa dinâmica é que

Os impactos destrutivos das transformações em andamento no capitalismo contemporâneo vão deixando suas marcas sobre a população empobrecida: o aviltamento do trabalho, o desemprego, os empregados de modo precário e intermitente, os que se tornaram não empregáveis e supérfluos, a debilidade da saúde, o desconforto da moradia precária e insalubre, a alimentação insuficiente, a fome, a fadiga, a ignorância, a resignação, a revolta, a tensão e o medo são sinais que muitas vezes anunciam os limites da condição de vida dos excluídos e subalternizados na sociedade (YAZBEK, 2012, p. 290).

Diante dessa conjuntura, a questão que se põe é: como em um modelo de sociedade que ainda carece do mínimo das necessidades que identificam sua espécie é possível avançar em processos que elevem o ser à vivência humano-genérica até como via de superação do *status quo*?

Nessa medida, é importante questionar se o humano genérico só é possível depois de suprida todas as necessidades materiais e eliminados todos os processos de desumanização na vida cotidiana, ou se mesmo com estas questões postas há viabilidade das classes subalternas atingi-lo e este possa representar um importante meio de organização política e social.

Para atingir o humano genérico são necessárias condições materiais, espirituais e capacidades individuais; esta vivência por inteiro possibilita a livre criação. No entanto, a conjuntura político-econômica atual e o patamar de mentalidade e compreensão humanas tendem a não permitir tais experiências, agravando-se, assim, a desumanização do homem em suas diversas esferas da vida.

A intervenção profissional do assistente social visa amenizar esses processos de desumanização, principalmente por meio de políticas sociais. Trata-se de trabalhar para alterar esta condição e influir diretamente sobre as necessidades dos indivíduos tanto do ponto de vista singular quanto coletivo. As ações profissionais podem avançar na esfera da realização do humano genérico.

Aqueles que estão privados de condições objetivas para a manutenção da vida, expostos a uma progressiva degradação física, estão privados do acesso aos mínimos, portanto, de uma questão de primeira ordem; neste estudo, referimo-nos ao fato de estarem

expostos a um possível retrocesso em relação à sensibilidade desenvolvida ao longo da história.

No entanto, essa condição pode também se aplicar às outras classes sociais, àquelas que na corrida desenfreada para manter o auge no sistema capitalista precisam utilizar-se de alternativas que as fazem perder, aos poucos, a sensibilidade em relação ao convívio com o outro e com o ambiente.

Se pensarmos a política econômica em seu estágio monopolista, a relação apresentada acima se traduz no seguinte ciclo: aquele que domina os meios de produção utiliza de vias perversas para manter-se no sistema a ponto de se tornar um ser com características moralmente desumanas; a massa da população, que se encontra à mercê do sistema precisa se submeter às condições subumanas que lhes são impostas, pondo em cheque suas limitações físicas, psicológicas e relacionais.

Mesmo a arte sofre um impacto direto nesse processo; trata-se da sua desumanização em tempos de valorização social do consumo. Nesse sentido, a arte alienada que serve ao capital “seria propriamente a negação, a exclusão de toda objetivação ou presença do humano.” (VÁZQUEZ, 2010, p.41).

Heller (2008) afirma que existe alienação/estranhamento quando há um abismo entre o desenvolvimento humano-genérico e as possibilidades de desenvolvimento dos indivíduos humanos, ou seja, quando existem barreiras sociais – certamente impostas por dada sociabilidade – que impedem que a produção humano-genérica seja feita e apropriada conscientemente pelo indivíduo.

Ultrapassar essas barreiras sociais diz respeito a uma tarefa árdua diante da atual dinâmica de sociedade, mas, uma vez que há possibilidade de ultrapassá-las com ações que visem incitar a consciência, esse processo pode produzir impactos positivos e até superar uma realidade dada.

Santos (2007) afirma que a plena realização do homem, material e imaterial, não depende da economia, ela deve resultar de um quadro de vida material e não material que inclua a economia e a cultura, na qual ambos têm a ver com o território e este não tem apenas um papel passivo, mas constitui um dado ativo, devendo ser considerado como um fator e não exclusivamente como reflexo da sociedade (SANTOS, 2007).

Nesse aspecto, entendemos que a desumanização produzida e reproduzida no espaço urbano se materializa no campo da objetividade, mas os impactos na dimensão subjetiva são evidentes, reproduzindo ciclos de violência, invisibilidade social, banalização das injustiças sociais entre tantas questões presentes no cotidiano desse cenário.

Os assistentes sociais se deparam cotidianamente em seus espaços de trabalho com esses sujeitos que passam por processos de desumanização em todos os estágios da vida. Além da privação material, tais sujeitos têm desde muito cedo retirados de si a possibilidade de optar por um projeto de vida como se a existência estivesse traçada de modo que lhes fosse roubado algo essencial para assumirem a luta pela sobrevivência própria e de seus familiares.

Assim, diante da perspectiva multidimensional da pobreza, entendemos que a garantia dos elementos essenciais à manutenção do corpo físico mantém uma relação direta com um nível cultural que propicia condições básicas de organização na vida política e social, com a finalidade de propiciar um movimento de superação desse *status quo*.

Nesse contexto, a arte coloca-se, em nosso entendimento, como um dos mecanismos para retomar a essência do humanismo que acaba por se perder, se diluir no cotidiano. Está presente, desta forma, a importância de não dissociar os elementos essenciais à manutenção do corpo físico dos elementos essenciais ao nível cultural, político e social.

A herança da evolução humana deve se traduzir em benefício para pessoas, e na medida em que a humanização do homem exige condições básicas de sua manutenção, essas condições devem ser contempladas integralmente.

CAPÍTULO 2. SERVIÇO SOCIAL E ARTE: A EXPRESSÃO DA INTERVENÇÃO

2.1 A mediação na prática profissional

“Há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio, do que sonha a nossa vã filosofia”.

(HAMLET, Ato I - Cena V – William Shakespeare)

Refletir sobre a categoria mediação é uma tarefa primordial para a temática aqui tratada, uma vez que estamos estudando a arte como uma mediação na intervenção profissional do assistente social. Desse modo, é importante conceituar a mediação com a finalidade de esclarecer nosso entendimento sobre esta categoria. Para tanto, a reflexão sobre mediação aqui desenvolvida, está pautada, particularmente, na obra *Mediação e Serviço Social*, de Reinaldo Nobre Pontes.

Partimos do entendimento de mediação como a categoria que auxilia o profissional a criar condições para a operação da práxis⁵. Nesse sentido, vamos examiná-la a partir de teóricos que a consideram na relação entre o mediato e o imediato, por acreditarem que as relações de uma totalidade complexa não se dão de modo linear, mecanicista ou unilateral, mas acontecem mediante instâncias de passagem produzidas em si mesmas.

Para compreender essa relação é preciso ter clareza sobre a *totalidade*. Quando se fala em totalidade, queremos dizer que a realidade é sempre mais rica do que o que se sabe sobre ela; é mais do que a soma das partes que a constitui, pois há sempre algo que escapa às sínteses, mas isso não dispensa o esforço de elaborar sínteses para que se possa entender melhor a realidade.

Nessa perspectiva, entendemos que a realidade não se revela de início ao ser social, mas por meio de mediações para possibilitar a totalidade concreta. Para o Serviço Social, isso se faz importante, pois

Pela mediação da cultura profissional, o assistente social pode negar a ação puramente instrumental, imediata, espontânea e a reelaborar em nível de respostas socioprofissionais. Na elaboração de respostas mais qualificadas, na construção de novas legitimidades, que a razão instrumental não dá conta (GUERRA, 2000a, p. 61).

⁵ Como já foi explicitado anteriormente, a práxis é aqui tratada a partir da concepção de Vázquez (2011), como atividade humana, transformadora da realidade natural e humana, ação do homem sobre a matéria, criando por meio dela uma nova realidade que, para tanto, exige conhecimento.

A categoria de mediação aqui mencionada diz respeito, portanto, a um conceito amplo. Não se trata da atuação como mediador de conflitos visando à conciliação de interesses entre as partes. Trata-se, sim, de uma das categorias centrais da dialética, e que possui uma dimensão ontológica (categoria real e objetiva presente em qualquer realidade independente do sujeito) e reflexiva (que é elaborada pela razão, ultrapassando o plano da imediaticidade, superando a aparência para buscar a essência). A mediação representa o amadurecimento teórico-metodológico da profissão.

De acordo com Netto (2009), a categoria de mediação corresponde a uma das três categorias metodológicas que propiciou a edificação teórica de Marx⁶. A categoria mediação começa a ter relevância na discussão metodológica do Serviço Social no Brasil, principalmente na segunda metade da década de 1980, quando a profissão passava por significativa mudança nos quadros referenciais da vertente inspirada no marxismo e sentia a necessidade de avançar na análise teórico-metodológica para que se qualificasse no sentido de iluminar novas questões e demandas emergentes no seio da profissão.

Como é uma profissão interventiva, o Serviço Social deve conhecer a realidade em sua complexidade e criar meios para transformá-la, de acordo com a direção de seu projeto socioprofissional. Para concretizar isso, é exigida uma equipagem teórico-metodológica à altura de sua complexidade. E, nesse aspecto, a categoria de mediação contribui tanto para o conhecimento da realidade quanto para a intervenção do assistente social.

As mediações são instâncias de passagem da teoria para a prática. Martinelli (1993) as trata como categorias instrumentais pelas quais se processa a operacionalização da ação profissional. Elas são expressas pelo conjunto de instrumentos, recursos, técnicas e estratégias pelas quais a ação profissional ganha operacionalidade e concretude.

Para entender o espaço do assistente social como um campo de mediações, que se estrutura sobre determinações histórico-sociais constitutivas dos complexos sociais, parte-se da tríade singularidade/universalidade/particularidade.

A singularidade (nível da imediaticidade) é o nível em que o assistente social se coloca em contato com várias realidades que aparecem na forma de fatos, situações problemáticas isoladas e tipos individuais, familiares, grupais e comunitários. A aproximação do profissional desses fatos é mediatizada por determinada *demanda institucional*. Tais demandas se mostram

⁶ As categorias nucleares que fizeram com que Marx descobrisse a perspectiva metodológica de sua teoria são, além da mediação, a totalidade e a contradição.

ao intelecto do profissional, despidas de mediações que lhe deem um sentido mais totalizante, pois se pautam mais no cumprimento dos objetivos técnico-operativos, das metas e em dada forma de inserção espacial (bairro, município etc.), programática (divisão por projetos ou áreas de ação) ou populacional (crianças, idosos, migrantes etc.). Numa palavra, a demanda institucional aparece presa à imediatividade, com um “fim em si mesmo”.

Neste plano, o assistente social na intervenção profissional é tomado de assalto por uma forma de demanda que se dá na imediatividade da aproximação institucional, que é a demanda institucional, aqui entendida como a representação da requisição de resultados esperados dentro de objetivos organizacionais, em consonância com o perfil ideológico organizacional (PONTES, 1996, p. 14).

O objeto da intervenção profissional, observado exclusivamente sobre o ângulo da singularidade, não ultrapassa as demandas institucionais e não consegue alcançar ações mais ousadas no campo das transformações socioinstitucionais, ou seja, não provoca transformações na vida dos sujeitos, apenas responde a problemas emergentes.

A universalidade (nível da legalidade social) diz respeito às leis tendenciais históricas. Essas leis são determinações universais da realidade, ou seja, expressam-se em grandes determinações sociais, como a divisão social do trabalho, as relações sociais capitalistas, a relação capital/trabalho, a relação estado-sociedade, políticas econômicas e políticas sociais. Elas representam *demandas sociais*, e é necessário particularizá-las no plano real cotidiano do fazer profissional para que não sejam inúteis, já que interferem nos problemas sociais que se está enfrentando. Avançar para o campo da universalidade é ultrapassar a visão dos fenômenos como algo isolado, fragmentado e aparente, e compreendê-los na sua essência, totalidade, coletivamente, sem culpabilizar o indivíduo, e decifrando a realidade, ou seja, o que de fato está por trás daquela situação aparentemente isolada.

Desse modo, deve-se compreender que essas leis históricas podem interferir em um problema social a ser enfrentado na prática profissional. Por isso, é necessário capturar no próprio cotidiano a interferência dessas leis, caso contrário a configuração das demandas sociais para a intervenção de sujeitos torna-se empobrecida, afetando o resultado que a intervenção pode alcançar no plano organizacional.

Nenhuma situação pode ser considerada apenas em sua singularidade, pois senão corre-se o sério risco de se perder de vista a *dimensão social* da vida humana. Portanto, qualquer situação que chega ao Serviço Social deve ser analisada a partir de duas dimensões: a da singularidade e a da universalidade. Para tal, é necessário que o Assistente Social tenha um conhecimento teórico profundo sobre as relações sociais fundamentais de uma determinada sociedade (universalidade), e como elas se organizam naquele determinado momento histórico, para que possa superar essas “armadilhas” que o senso comum do cotidiano prega – e que muitas vezes mascaram

as reais causas e determinações dos fenômenos sociais. É na relação entre a *universalidade* e a *singularidade* que se torna possível apreender as *particularidades* de uma determinada situação (SOUSA, 2008, p. 123).

A particularidade (campo de mediações/espço de reconstrução do objeto de intervenção profissional) é o espaço reflexivo ontológico em que a legalidade universal se singulariza e a imediaticidade do singular se universaliza. Em outras palavras, trata-se do caminho que leva do singular ao universal e vice-versa. Trata-se de um espaço privilegiado no qual o indivíduo supera o nível da aparência e processa o nível do concreto pensado, penetrando em um campo de mediações. A categoria da particularidade permite que as leis sociais tendenciais (universalidade) se mostrem aos sujeitos envolvidos na ação (responsável, usuários e outros agentes) e ganhem sentido analítico-operacional nas suas singularidades/na vida de cada um.

A particularidade é a categoria reflexiva que propicia que a universalidade ganhe sentido objetivo-operacional na vida singular dos usuários dos serviços sociais públicos, nos seus problemas pessoais e psicossociais. É quando o “problema” de um punhado de pessoas num mundo isolado, portanto, abstrato, passa a ser também comum a vários segmentos sociais genericamente, articulado por uma dada *força relacional* que seria uma dada lei histórico-social. Então, aquela situação, que se afigurava no plano da singularidade como “problema individual-familiar”, mediatiza-se pelas leis societárias tendenciais e particulariza-se pelas determinações históricas, ganhando, por aproximações sucessivas, *concretude* no entrecruzamento dos complexos sociais (que o compõe, e é por ele composto) (PONTES, 1996, p. 16).

A perspectiva da particularidade como campo de mediações avança e orienta a intervenção social, articulando conhecimento e ação, e possui grande importância teórico-metodológica para os profissionais que buscam concretizar uma ação profissional crítico-transformadora. Desse modo, as demandas restritas à ordem organizacional, aos projetos e programas podem ser superadas pelo alcance das categorias histórico-sociais mais amplas, permitindo a (re)construção do objeto de intervenção profissional e uma visão mais ampla e profunda da realidade social. Assim, o objeto de intervenção aparece como um complexo rico de determinações histórico-sociais particularizadas.

A partir da apresentação desses três níveis, compreendemos a importância que eles têm, para que a prática profissional do assistente social se concretize com ações crítico-transformadoras nos diversos espaços ocupacionais.

Utilizar a arte como uma das mediações da prática do Serviço Social, pode auxiliar o trabalho em diversos níveis. As manifestações artísticas – que expressam a objetivação

humana criativa – são meios de evidenciar as situações cotidianas que impactam diretamente a vida população; seu valor estético representa uma forma atrativa de conhecimento da realidade, ou seja, a população que está à margem e a sociedade de modo geral se interessariam muito mais por questões políticas se lhes fossem apresentadas de modo cativante, como faz a arte.

A mediação pela arte pode ser significativa tanto para o profissional que busca fundamentar suas ações, quanto para o usuário que vai vivenciá-las. A expressão artística contém em si o caráter universal, e através dessa relação pode ser possível chegar à particularidade.

O profissional que consegue utilizar a arte como uma mediação em seu trabalho tem a possibilidade de contribuir para diminuir a condição de alienação dos sujeitos, que é inerente ao sistema. Uma intervenção pautada na utilização de expressões artísticas como mediação visa ultrapassar o nível da imediaticidade, possibilitando processos reflexivos de conhecimento da conjuntura social, adentrando em questões de natureza ontológica e humano-genérica, visando o desenvolvimento e fortalecimento das capacidades criativas em um trabalho que tenha como horizonte a práxis social.

2.2 O Serviço Social para além do atendimento às necessidades primárias e a função educativa da arte

*A gente não quer só comida
A gente quer comida, diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída para qualquer parte [...]*

(COMIDA – Titãs)

O Serviço Social é uma profissão que atua na viabilização das condições materiais para a sobrevivência daqueles que se encontram à margem; mas esta não é a fundamental contribuição desta profissão; ela atua, especialmente, conforme Rodrigues (1995):

[...] nas interfaces pobreza/riqueza [...] é uma profissão vigorosa, combatente que, no plano 'macro', constantemente se confronta com o binômio 'solidariedade e barbárie social' e que se confronta também, no cotidiano, com as necessidades e carências fundamentais do homem, não só na esfera do econômico e técnico, como também na do afetivo (p. 154).

A mediação é fundamental em um trabalho que assume esta finalidade. Mas é preciso questionar: de que forma as ações profissionais estão contribuindo para uma possível reforma do pensamento? Quais mudanças concretas são produzidas na estrutura cultural e reflexiva da população para que haja, de fato, uma mudança na realidade na qual está inserida? Baptista (1995) traz algumas reflexões acerca da materialização das ações do assistente social a partir dos recursos teóricos:

Na prática profissional, as mediações entre a elaboração teórica, a projeção e a intervenção se dão de maneira complexa: têm que responder a questões muito concretas, sócio-econômicas e políticas de uma sociedade extremamente diversificada, colocando-se diante de problemas muito específicos. Nesse espaço, o profissional não tem apenas que analisar o que acontece, mas tem que estabelecer uma crítica, tomar uma posição e decidir por um determinado tipo de intervenção. Na sua forma particular de conhecimento voltado para a prática, ao conhecer a realidade, vai construindo no pensamento um projeto de ação, vai emergindo uma maneira peculiar de ver problemas e construir soluções lançando mão do conhecimento teórico e de aplicações tecnológicas. O modo como o profissional faz isso determina a relação que ele estabelece com a teoria: se diante desse problema, que é real, ele faz uma combinação orgânica das demandas da ação com as requisições teóricas, extraindo daí um problema teórico; se parte de uma teoria como um a priori para sua análise, crítica e intervenção; se sua reflexão teórica se situa ao nível da justificativa de determinados tipos de prática com as quais apenas remotamente têm alguma ligação; ou se, ainda, vê a teoria como instrumental (BAPTISTA, 1995, p. 111).

Segundo a autora, é possível visualizar uma trajetória entre conhecimento teórico e materialização das ações. Esse percurso exige um posicionamento crítico para dar respostas às necessidades materiais e imateriais dos sujeitos, ou seja, o profissional – após um processo constante de aquisição de conhecimentos – estabelece a maneira que considera mais adequada de aplicação das ideias no exercício de sua ação profissional. É necessário que a prática profissional mantenha um estreito elo com o conhecimento teórico, para que não se limite ao mero atendimento às necessidades básicas e possa desta forma produzir alguma alteração nas condições de vida das populações.

O atendimento às necessidades materiais básicas é de extrema importância, mas é um componente para o horizonte que realmente se pretende atingir através da prática profissional. Martinelli (1995), acerca das práticas sociais, afirma que:

[...] lutar pela produção de novas práticas sociais que tenham na consolidação da democracia e no fortalecimento da cidadania a busca fundante, traz como exigência implícita a necessidade de reposicionar não só o eixo das práticas que as impregnam e as relações entre as áreas do saber que as conformam. É indispensável assumir, de imediato, que tal ruptura depende fundamentalmente dos próprios agentes institucionais em suas práticas concretas com as classes sociais, pois as instituições, em si mesmas consideradas, são abstrações. Nós seres humanos é que lhes damos

vida cotidianamente com nosso exercício profissional, o qual, coerentemente com nosso projeto político singular em articulação com projetos sociais mais amplos, deverá impulsionar o processo de transformação da realidade (MARTINELLI, 1995, p. 147).

Trata-se da construção, consolidação e fortalecimento de uma prática social, que para tanto exige apreendê-la a partir de uma perspectiva histórica, reconhecendo-a como expressão do saber, prática educativa e prática política. Conforme o pensamento da autora, é fundamental reconhecer o papel dos profissionais para consolidar práticas com impactos positivos nos espaços ocupacionais onde atuam.

Trata-se de um processo gradual, difícil, afinal, atuar visando à efetiva mudança na realidade na qual estamos inseridos, para que os sujeitos com os quais trabalhamos adquiram novas formas de consciência sendo protagonistas de tais mudanças, depende fundamentalmente de uma inovação no modo de pensar desses sujeitos, e isso não se dá de modo repentino e requer constante trabalho.

Mas é no cotidiano do trabalho profissional que há possibilidade de aplicar aquilo que se almeja, já que

[...] o espaço privilegiado da intervenção profissional é o cotidiano, o “mundo da vida”, o “todo dia” do trabalho que se revela como ambiente no qual emergem exigências imediatas e são desenvolvidos esforços para satisfazê-la, lançando mão de diferentes meios e instrumentos. É um ambiente material e de relações no qual o profissional deve se mover “naturalmente” com uma pretensa intimidade e confiança, sabendo manipular as coisas, os costumes e as normas que regulam os comportamentos no campo social e técnico (BAPTISTA, 1995, p. 111).

No atual estágio da sociedade não é simples conseguir realizar um trabalho reflexivo exigindo pronta resposta dos sujeitos que buscam o atendimento a uma necessidade básica, pois as demandas que eles trazem são gritantes, desumanas, primordiais e precisam ser atendidas de imediato; no entanto, não são isoladas, pois evidenciam uma lógica excludente, dependente, ditada pelo modo de organização social capitalista.

Quando falamos em despertar para os processos reflexivos, pensamos em favorecer a compreensão de que sanar o problema das satisfações ou necessidades básicas depende da resolução de diversas outras questões, nem sempre visíveis e possíveis de serem equacionadas.

A proposta de articular a arte à prática profissional do assistente social se traduz na possibilidade de utilizar algo muito potente e atrativo como uma via de ação dupla, pois a arte, ao viabilizar relações de caráter humano-genérico, permite também a expansão de atitudes reflexivas diante do modo de organização da sociedade.

Talvez esse seja um importante caminho para superar alguns ranços paternalistas do passado e possíveis estigmas de benevolência da profissão, pois ações nesse nível demonstram a potência de uma profissão que consegue instigar a consciência das classes subalternas, a fim de reverter situações perversas as quais muitos sujeitos se encontram.

Martinelli (1995) trata da necessidade de construir uma prática social que, para ser consolidada e fortalecida, exige que seja reconhecida como expressão do saber, prática educativa e prática política. A autora relata que não existe prática social vazia de conhecimento, pois será sempre teoria em movimento.

Ao falar sobre prática educativa, a autora relata que esta

[...] é a expressão concreta da possibilidade de trabalharmos com os sujeitos sociais na construção de seu real, de seu viver histórico. É uma prática que se despoja da visão assimétrica dos sujeitos com os quais trabalha e se posiciona diante deles como cidadãos, como construtores de suas próprias vidas. É, portanto, prática do encontro, da possibilidade do diálogo, da construção partilhada (p. 147).

Nesse sentido, é possível pensar em uma prática que tenha o objetivo de que os sujeitos movam-se da condição de passivo para a condição de ativo, para que sejam protagonistas de seus contextos, com liberdade para direcionar a trajetória de vida para aquilo que lhe for mais conveniente e satisfatório, e não para aquilo que lhe é imposto.

Por fim, é evidenciada pela autora a prática política, para entender que toda prática social é uma prática política, que quando dialeticamente concebida representa a possibilidade de operar com projetos políticos que tenham por horizonte a consolidação da democracia e o fortalecimento da cidadania.

Diante desses três pontos que nos traz Martinelli (1995), é possível visualizar um modo de agir profissional que visa ultrapassar o mero atendimento às necessidades primárias e avançar em busca de novos rumos que possibilite aos sujeitos uma vivência mais humana, digna das evoluções que foram permitidas com o processo de avanço da consciência.

Uma sociedade não é humanamente possível quando apenas se supre necessidades primárias com a finalidade de “apagar incêndios” e resolver uma situação imediata em sua superficialidade. Na medida em que se propõe amenizar uma condição de extrema perversidade, são necessárias ações conjuntas que possibilitem alterações estruturais.

A arte tem um papel de grande importância na evolução da vida social, haja vista sua relação com o desenvolvimento das sensibilidades e seu valor como expressão humana. Ao longo dos tempos, o encanto da arte tem provocado os sentidos para diversas finalidades, sejam elas relacionadas a questões objetivas ou subjetivas.

Lukács (1978) traz reflexões que nos permite aproximações com o que a arte pode representar para a vida humana:

A arte opera diretamente sobre o sujeito humano; o reflexo da realidade objetiva, o reflexo dos homens sociais em suas relações recíprocas, no seu intercâmbio social com a natureza, é um elemento de mediação – ainda que indispensável –, é simplesmente um meio para provocar este crescimento do sujeito (LUKÁCS, 1978, p. 296).

Uma vez que a arte pode ser um meio de provocar o crescimento dos sujeitos, trataremos de uma de suas tantas finalidades: a função educativa. Read (1967) examina a relevância de uma educação pela arte, alegando que ela “[...] não prepara os seres humanos para os atos irracionais e mecânicos da indústria moderna, não os concilia com um lazer destituído de propósito construtivo, não os deixa satisfeitos com o entretenimento passivo” (p. 33). Mas explica que, para defender uma educação pela arte, é necessária uma reforma nas sociedades que compõem a civilização, de tal maneira que os fenômenos sensoriais concretos da arte sejam manifestos e apreendidos na vida cotidiana.

O Serviço Social, além de ser uma profissão educativa, mantém forte vínculo com o desenvolvimento de ações educativas, e, por vezes, adota propostas muito semelhantes às descritas por Read, pois a profissão assume como um de seus princípios fundamentais o reconhecimento da autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais, isso em detrimento da manutenção de relações mecânicas e alienadas.

Abreu (2002) afirma que as atividades desenvolvidas pelo assistente social têm uma função pedagógica com o princípio educativo condicionado pelos vínculos que a profissão estabelece com as classes sociais. Portanto, é possível integrar na prática profissional do

assistente social a função educativa da arte e pensar em uma reeducação das sensibilidades como forma de alterar condições de vida.

Essa integração é viável, pois a arte entendida em seu sentido crítico é uma atividade que tem a capacidade de humanizar, ao mesmo tempo em que provoca os instintos para o desenvolvimento de processos reflexivos e do despertar da consciência.

Em uma sociedade marcada pela desigualdade e alienação, os processos de educação política devem ser mediados por algo contido de sensibilidade, que fortaleça a formação da identidade e que seja prazeroso, para que possa abalar a serenidade e a passividade, mas também possa permitir o encantamento que tranquiliza.

Para Read (1967), a arte é eternamente importuna e permanentemente revolucionária. O artista é um perturbador da ordem vigente que “[...] sempre confronta o desconhecido, e o que traz de volta dessa confrontação é uma novidade, um novo símbolo, uma nova visão da vida, a imagem exterior de coisas interiores” (p. 30).

Assumir a arte como uma via educativa na prática do Serviço Social exige que o profissional mantenha o respeito aos saberes e valores que serão trazidos pelos sujeitos, mas também exige a ousadia de sugerir o novo.

A introdução de métodos educativos por meio da arte pode ser uma estratégia para evidenciar as sensibilidades humanas que possam estar latentes, retirando sujeitos de contextos embrutecidos e instigando o senso crítico.

Processos educativos são formas de intervenção no mundo. Freire (2002) relata que “A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência boniteza de mãos dadas.” (p. 16). Nesse aspecto, afirma a ideia da estética como um dos elementos imprescindíveis no processo de educação crítica.

Faz parte da natureza humana apreciar o belo, se expressar por meio de elementos artísticos e utilizar deles para manifestar seus anseios; portanto, processos de educação que envolvam a sensibilidade podem representar formas eficazes de atingir os sujeitos.

Lukács (1978) trata dos impactos da estética, de modo que é possível reafirmar a ideia da importância de processos de educação das sensibilidades para a reflexão crítica da realidade.

O reflexo estético cria, por um lado, reproduções da realidade nas quais o ser em si da objetividade é transformado em um ser para nós do mundo representado na individualidade da obra de arte; por outro lado na eficácia exercida por tais obras, desperta e se eleva a autoconsciência humana: quando o sujeito receptivo experimenta – da maneira acima referida – uma tal realidade em si, nasce nele um para-si do sujeito, uma autoconsciência, a qual não está separada de uma maneira hostil do mundo exterior, mas antes significa uma relação mais rica e mais profunda de um mundo externo concebido com riqueza e profundidade, do homem enquanto membro da sociedade, da classe, da nação, enquanto microcosmos autoconsciente no macrocosmos do desenvolvimento da humanidade (p. 296).

Os conceitos trazidos pelo autor reafirmam a relevância de inserir a arte em processos de “reeducação” das sensibilidades, pois, na medida em que a experiência do efeito estético desperta e eleva a autoconsciência humana, o assistente social tem em mãos um meio importante para a produção de impactos na vida dos sujeitos, e pode auxiliar na intensificação da relação do homem com o mundo.

CAPÍTULO 3. A PESQUISA E SEUS PARTICIPANTES: A DIMENSÃO ARTÍSTICA NA PRÁTICA PROFISSIONAL

Neste estudo, quando falamos sobre práxis profissional pensamos não apenas no atendimento às demandas institucionais, mas na necessária ampliação da ação profissional e da prestação de serviços profissionais, especialmente, considerando a complexidade das questões sociais e da vida dos sujeitos que são atendidos pelo assistente social. Portanto, é necessário ter clareza da importância de realizar o atendimento às necessidades básicas, mas agregar a isso um trabalho em âmbito socioeducativo, que consiga atingir dimensões para além da cotidianidade, que possibilite a vivência de situações e experiências que elucidam aspectos até então não tão claros à consciência dos usuários.

Trata-se de utilizar estratégias de ação com finalidades humanizadoras e não de enquadramento ao mercado de trabalho. Na gênese do Serviço Social no Brasil há forte referência a métodos que visavam a qualificação da força de trabalho; o ato de contribuir para o ajustamento dos sujeitos significou para a profissão, em sua emergência no Brasil, a definição de práticas em favor do desenvolvimento e manutenção da ordem capitalista.

Os avanços teóricos pelos quais passou a profissão possibilitaram, além da perspectiva de garantia de direitos, a defesa de princípios como autonomia e emancipação. A leitura da obra de Heller em “O cotidiano e a história” possibilita a compreensão de conceitos que auxiliam na percepção de relações sociais e individuais.

A arte tratada por Heller, é memória da humanidade e representa momento privilegiado para que se possa ir além da vida cotidiana. A intervenção profissional do assistente social, tendo como mediação a arte, pode possibilitar a suspensão da vida cotidiana, permitindo a vivência humano-genérica e a superação de processos de desumanização.

Posto isso, compreender as nuances de uma prática profissional sob esta vertente é importante, considerando que ela pode possibilitar o respeito à singularidade do sujeito, por se tratar de algo que faz remeter a sua individualidade e faz expressar suas habilidades. Pode também, objetivar a busca pelo humano-genérico, como meio de avançar em processos de magnitude pessoal e social, além da construção e fortalecimento do protagonismo social.

3.1 Metodologia

Com o objetivo de problematizar a arte como mediação da intervenção profissional no Serviço Social, buscamos conhecer a prática desenvolvida por alguns profissionais que atuam sob essa perspectiva.

Optamos por realizar uma pesquisa de natureza qualitativa, como alternativa para explorar o conjunto de opiniões e representações sobre o tema. Nessa perspectiva e tendo como referência Minayo (2011), trabalhamos

[...] com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (p.21)

A autora observa que a natureza qualitativa atua com a matéria-prima das vivências, das experiências, da cotidianidade e também analisa as estruturas e as instituições, mas entendem-nas como ação humana objetivada. Portanto, essa perspectiva é de extrema importância para um estudo que busca conhecer os resultados das ações profissionais que têm como mediação a arte, pois trata-se de um modo de intervenção que busca alcançar impactos para a vida dos sujeitos a quem se destina.

No contexto da pesquisa qualitativa, a entrevista aprofundada foi tomada como técnica para a coleta de dados, com a função de buscar elementos para sustentar a importância do objeto de estudo. Este tipo de entrevista permite um espaço em que “[...] o informante é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador, quando são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões.” (MINAYO, 2011, p.61).

Isso com a finalidade de avaliar, a partir de dados primários, de que forma a arte está presente como mediação no trabalho dos profissionais entrevistados, em quais momentos e quais os impactos a ação tem proporcionado para os sujeitos usuários.

No universo pesquisado, optamos por uma amostra intencional composta por três sujeitos e selecionados mediante os seguintes critérios: profissionais com experiência no trabalho do Serviço Social realizado através da arte, além de realizarem estudos científicos que embasam teoricamente tal atividade.

Dado a restrição de profissionais com esse perfil, bem como a profundidade das entrevistas que exigiu grande dispêndio de tempo, foi necessário realizar uma seleção dos sujeitos, resultando um número reduzido de participantes.

Para a realização das entrevistas foi feito convite aos sujeitos mediante rede de contatos acadêmicos da pesquisadora. Após explicitar aos sujeitos os objetivos da pesquisa, e havendo interesse e autorização destes, as entrevistas se concretizaram com uma variação de tempo entre uma hora e meia a três horas cada uma.

As entrevistas foram realizadas em locais pré-estabelecidos e convenientes para possibilitar a liberdade do sujeito e a possibilidade de deslocamento tanto do entrevistado quanto da pesquisadora.

Os encontros foram registrados por meio de gravação de áudio, permitindo o posterior acesso às falas na íntegra; foi utilizado roteiro de questões para estimular a narração. Esta etapa do trabalho é uma das mais importantes:

O trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelece uma interação com os “atores” que conformam a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social. (MINAYO, 2011, p.61)

Posteriormente foi realizada transcrição das falas, ordenação, classificação e análise dos dados para que fosse feita a redação.

3.1.1 Organização do Estudo

O trabalho foi realizado no período compreendido entre o início do segundo semestre de 2011 ao segundo semestre de 2013. O primeiro movimento realizado foi uma pesquisa de natureza bibliográfica.

Procuramos compreender o significado histórico da arte em uma análise que resultou em considerações acerca do processo de desenvolvimento da sensibilidade humana e a maneira como essa sensibilidade se apresenta no atual estágio da sociedade.

Posteriormente, ainda em um momento de estudo bibliográfico, analisamos a importância da arte com a prática do Serviço Social, observando-a, inclusive, como prática

educativa. No intuito de articularmos arte e Serviço Social, realizamos a pesquisa empírica por meio de entrevista aprofundada, como já descrito.

A próxima etapa do processo se deu com a análise dos dados obtidos, em uma fase que exigiu reflexão à luz dos aspectos teóricos desenvolvidos até então. Durante todo o procedimento de produção de dados, análise e redação remeteu-se tanto à reflexão teórica quanto a novas referências que se fizeram necessárias para complementar e enriquecer os dados empíricos.

3.1.2 Sujeitos Entrevistados

As entrevistas aprofundadas foram realizadas com três assistentes sociais. Para resguardar a imagem dos entrevistados foram utilizados nomes fictícios; os sujeitos foram consultados para colaborarem na escolha dos respectivos codinomes, indicando algum artista que representasse alguma influência em sua vida pessoal e/ou profissional. Houve, também, quem tenha optado pela utilização de pseudônimo. Segue abaixo o perfil dos entrevistados:

Pina Bausch: Assistente social, 31 anos, formada em 2006 pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Franca, com trabalho de conclusão de curso sobre a arte como possibilidade de trabalho do Serviço Social. Em 2012 iniciou o mestrado pela UNESP/ Franca, mesma universidade onde cursou a graduação, e no momento dedica-se integralmente a isso, estudando a arte como elemento de reforço contra-hegemônico do Serviço Social junto aos movimentos sociais.

Possui experiência profissional nas áreas de atuação: Alfabetização do método Paulo Freire; Centro de Referência da Assistência Social, no qual trabalhou como assistente social e posteriormente como coordenadora; Instituição de Acolhimento para crianças e adolescentes retirados do convívio familiar; Docência em Serviço Social.

Vulgo Elemento: Assistente social, 30 anos, formado em 2008 pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC/MG, com trabalho de conclusão de curso sobre a temática da reintegração social do egresso do sistema prisional por meio do trabalho. Iniciou o mestrado no ano de 2010 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, financiado pela

Fundação Ford⁷, concluiu o mesmo em 2012 com a análise do Rap e a Poesia no trabalho prático reflexivo com o adolescente em cumprimento de medida socioeducativa de internação. Atualmente está cursando o doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, estudando, entre outras, as categorias Arte e Invisibilidade.

Reúne experiência profissional nos seguintes espaços ocupacionais: Centro de Internação, trabalhando com adolescentes no cumprimento de medida socioeducativa de internação; Serviço de Apoio à Reintegração Familiar, que atende famílias com crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional; Acolhimento Institucional, que acolhe crianças e adolescentes retirados do convívio familiar por medida protetiva. Ainda no período de formação teve acesso ao trabalho com criança, adolescente, idoso; alfabetização de jovens e adultos; no sistema prisional e no momento atua na docência, lecionando em duas faculdades.

Tarsila do Amaral: Assistente social, 31 anos, graduada pela UNISAL – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, com trabalho de conclusão de curso sobre o movimento hip hop na cidade de Campinas, no qual buscou estudar sobre juventude e expressões artísticas; realizou aprimoramento na área de DST/Aids pela Unicamp – Universidade Estadual de Campinas, no qual participou de um projeto de cooperação internacional em Moçambique; concluiu o mestrado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que fora iniciado no ano de 2008.

Trabalhou anteriormente em espaços ocupacionais como ONG de direitos humanos que atende pessoas e famílias vítimas de violência e tortura policial; CRAS, no qual trazia sempre para a atuação o diálogo com a arte, e onde atuou, inclusive, como coordenadora de medida socioeducativa (por na época não haver ainda uma consolidação de CREAS no município em questão); atualmente trabalha na área da docência lecionando em duas faculdades.

⁷ Programa Internacional de bolsas de pós-graduação, no qual os bolsistas são selecionados com base em potencial acadêmico de liderança e compromisso com a solução de problemas da comunidade, grupo social, região, ou país. O Programa atenta-se à igualdade de gênero e destina-se, prioritariamente, a pessoas negras ou indígenas, ou nascidas nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, ou, ainda, as provenientes de famílias que tiveram poucas oportunidades econômicas e educacionais.

3.2 Análise

Mediante os relatos sobre as experiências profissionais, realizados por meio da entrevista aprofundada⁸, foi possível delimitar seis categorias empíricas relacionadas ao objeto de estudo que, construídas na análise da pesquisa, formam a base para ordenar a discussão, são elas:

- 1 Motivos que impulsionaram a articulação entre arte e Serviço Social;
- 2 A relação entre a formação profissional do assistente social e arte;
- 3 Referências teóricas utilizadas para realizar ações ao nível da arte;
- 4 Relevância da execução desse trabalho;
- 5 Desafios e impactos do trabalho com arte no âmbito do Serviço Social;
- 6 Influência da práxis artística na práxis social.

3.2.1 Motivos que impulsionaram a articulação entre arte e Serviço Social.

Compreender as determinações que instigam um profissional a optar por determinada alternativa de trabalho revelam questões que não devem ser debatidas com superficialidade, afinal, tratam-se de motivações que podem provocar impactos fundamentais para a vida dos receptores dos serviços.

São aspectos que demonstram, entre outras coisas, como aquele profissional se formou cultural e academicamente, bem como as perspectivas que visualiza em seu campo profissional e, conseqüentemente, em relação à sociedade.

A arte, entendida em seu sentido ontológico, é um campo ainda pouco explorado na área do Serviço Social, com algumas ações pontuais – porém, de grande magnitude – está mais presente no exercício de profissionais que de alguma maneira mantêm certa afinidade de

⁸ Ver em anexo roteiro de questões.

ordem estética, enxergando na arte uma necessidade vital e, às vezes, por esse motivo, inclusive, agregam em suas vidas a função de artista.

Dessa maneira, esses profissionais concebem a prática profissional do assistente social dando atenção à relevância da arte para a execução de suas ações, isso fica claro nos discursos:

[...]eu pesquisei a arte como possibilidade de trabalho do Serviço Social desde o TCC, desde o trabalho de conclusão de curso, e sempre fui envolvida com a arte, meu pai é artista, então eu sempre tive...[contato] (Pina Bausch)

Então a minha experiência é essa assim, em relação à arte desde a graduação eu sempre me interessei por esses temas, desde a minha adolescência eu sempre tive afinidade com umas disciplinas do ensino médio que eram disciplinas mais críticas, voltadas à parte social: sociologia, filosofia, na área de humanas. E aí, eu como uma jovem da periferia eu estudava num período que era o auge do hip hop, então eu escutava muita música, e em sala de aula eu tentava fazer essa interlocução, entender um pouco daquilo que eu ouvia com aquilo que eu aprendia lá no ensino médio, e aí busquei fazer o Serviço Social dentro dessa afinidade com essa área [...] (Tarsila)

Antes de ser assistente social eu me formei primeiro como rapper, [...] entrei na faculdade já rapper, eu já entrei na faculdade como rapper e o rap e a poesia na minha vida me serviram como ferramentas de autoformação, de como me portar no mundo, frente ao mundo e a possibilidade de produzir e criar algo. Então eu já entrei na academia com senso crítico de vida, e também por ter participado de outros movimentos como...eu tive uma série de vários diálogos com o movimento negro da minha cidade, sempre gostava de ler coisas sobre movimentos sociais, então eu já entrei na faculdade com senso crítico, o qual o rap e a literatura, a poesia, foram os principais pilares para a construção da minha identidade. (Vulgo Elemento)

Nota-se nas falas que a motivação pela arte é intrínseca para os depoentes, e que a aproximação que tiveram com a poesia, a música, a dança ao longo da vida, fez a diferença no processo de autoformação de cada um.

Dessa aproximação com a arte, cada qual em sua perspectiva, provavelmente nasceu a necessidade de incorporar no modo de agir profissional essa dimensão sentindo que os instrumentos tradicionais, por si só, não eram suficientes. E nesse sentido, pode-se considerar que está sendo colocada em prática a categoria da criatividade, tão tratada na literatura do Serviço Social, como alternativa para dar conta das demandas postas no cotidiano de trabalho.

Pesquisei isso na graduação, quando eu saí eu fui trabalhar num núcleo de alfabetização do método Paulo Freire e eu usei muito a arte lá, porque eu não conseguia alcançar eles [educandos] de outro jeito, [...] e aí com a arte você amplia o alcance [...] Depois eu fui trabalhar como coordenadora do CRAS, não, primeiro como assistente social depois como coordenadora, e aí eu usei muito a arte

porque...por vários motivos na verdade, não foi um só, primeiro porque eu precisava de alguma coisa muito potente que respondesse de uma maneira mais profunda e contundente as questões que estavam implicadas ali no atendimento, que eram muitas, não dava pra ser de picadinho, porque são intervenções muito descontínuas do Serviço Social, é difícil você ter um trabalho que você é... tenha um acompanhamento, que você tenha uma regularidade, que você pode contar com isso, então tinham que ser encontros muito potencializados, aproveitados, sabe? Então o trabalho com a arte pra mim foi quase uma otimização das possibilidades. [...] (Pina Bausch)

[...] eu sentia falta de um instrumental onde eu pudesse construir ele em conjunto com o sujeito, eu sentia falta de um instrumental que pudesse ser contido de criatividade, e eu sentia falta de um instrumental que envolvesse o sujeito como tal e que ele tivesse conhecimento e consciência de cada etapa dos seus processos [...], e um detalhe: a criação de um instrumental em que estivesse presente um elemento, uma categoria que é a categoria do prazer, e que não estivesse presente a falta de liberdade e a exposição de questões subjetivas e internas, então, eu sinceramente, eu senti falta de um instrumental que pudesse suprir, certo? (Vulgo Elemento)

[...] falar sobre o exercício profissional, sobre a intervenção e a importância de você dialogar a partir da realidade do jovem, então é que jovem que eu dialogava, né? O que eu poderia estar é... trazendo através da minha intervenção que tivesse um fundamento, mas que também fizesse parte da realidade dele, a partir da forma como ele conhece, [...] em medida socioeducativa isso fica muito presente; nós tínhamos no CRAS também meninos que prestavam serviços à comunidade, mas assim, sempre uma vez ou outra a gente acabava se deparando com eles desenhando, de alguma forma expressando artisticamente as sociabilidades, então isso foi me chamando a atenção também né, da importância...e naquele momento eu [...] não havia amadurecido tanto, mas do quanto a arte ela poderia ser uma forma também deles adquirirem uma habilidade, e depois eu fui perceber que não, que essa habilidade ela já existe, é uma potencialidade que todo indivíduo expressa, mas assim, enfim, foi isso que me despertou, e trazer isso pro Serviço Social foi muito interessante e eu comecei a refletir[...] (Tarsila)

Fica visível nos discursos que os profissionais consideram imprescindível explorar os respectivos espaços de trabalho realizando uma intervenção que não se limite a técnicas ou instrumentos comuns à operação da ação profissional.

Realçam a importância de realizar ações atrativas, eficazes, criativas e nessa medida “utilizar algo muito potente”, “que seja construído junto com o sujeito e imbuído de prazer”, para que se torne a “a expressão de uma potencialidade”; são aspectos que põem em evidência a reflexão e sensibilidade do profissional no processo de trabalho.

Tratam-se de dimensões primordiais para a construção da ação e auxiliam na formação do vínculo com o usuário. Importante lembrar que a criatividade é um fenômeno *complexo* de configuração subjetiva, ou seja, de natureza multidimensional e multirelacional, mas que se

materializa em ações objetivas e possibilita ao sujeito expressar-se em sua singularidade e coletividade. (REY, 2005)

Rey (2005), apoia-se no pensamento de Csikszentmihalyi (1996), para constatar que não só a personalidade do indivíduo criativo é considerada complexa, mas também o ambiente que é útil para prover novos insights que facilitem o processo criativo. O autor refere-se ao macroambiente social, cultural e institucional em que a pessoa vive, e ao microambiente como o contexto imediato que a pessoa trabalha.

Com base nisso é possível situar o processo criativo dos sujeitos como algo permeado pelos elementos que fazem parte de sua formação enquanto indivíduos, que os fazem exercitá-lo com maior disposição, apresentando alternativas de trabalho nos ambientes em que atuam enquanto espaços ocupacionais, ou seja, no microambiente.

Para esses profissionais a fundamentação técnica é imprescindível no processo de trabalho, mas valorizam especialmente, a sensibilidade necessária por trabalharem com a vida; a fala abaixo demonstra que a categoria da “suspensão do cotidiano”⁹ faz-se presente nesse sentido:

[...] a gente entra enquanto assistente social na vida das pessoas, [...] num lugar muito especial, [...] porque é um lugar já bastante desarmado, as pessoas elas já estão quase com a guarda baixada, em certo sentido, mais abertas do que a gente pensa. O seu momento, quando você tiver o seu encontro com aquele sujeito tem que ser mediatizado pela honestidade; eu acho que a gente perde muito isso, sabe essa coisa pronta? A gente finge que tá querendo saber e não está querendo saber nada, a gente acha que já sabe tudo, é uma falácia. E isso é uma das coisas maravilhosas que a arte traz, é um campo de possibilidades infinito, que é de você suspender o cotidiano, né? (Pina Bausch)

A categoria honestidade aparece, também, de modo muito impactante na fala do sujeito entrevistado; pensado como uma forma peculiar de respeito para com o usuário, nos remetemos a Sennett (2004), quando afirma que “O respeito é uma representação da expressão. Isto é, tratar os outros com respeito não acontece simplesmente, mesmo com a

⁹ Segundo Agnes Heller (2008), o cotidiano é, de todas as esferas da realidade, o que mais se presta à alienação, marcado pela heterogeneidade, imediatividade e superficialidade. Suspender o cotidiano pela via artística representa o ato de se reencontrar com o gênero humano para voltar ao cotidiano enxergando-o com outros olhos.

maior boa vontade do mundo; transmitir respeito significa encontrar as palavras e gestos que fazem com que ele seja sentido e pareça convincente” (p.238).

De acordo com o mesmo autor, as novas formas institucionais de capitalismo se apresentam, particularmente, a curto prazo; no entanto, uma troca ritual¹⁰ pode criar um relacionamento mais prolongado, constrói respeito mútuo; o autor faz uma metáfora relatando que elas são como linhas que costuram uma roupa. Os elementos trazidos por Sennett propiciam a reflexão acerca das relações humanas no atual estágio da sociedade, e que devem ser refletidas no exercício profissional.

Em relação à motivação, considerando ainda um momento reflexivo acerca da prática, um fator elementar para auxiliar o processo é a autocrítica. Nota-se que ela faz-se presente na busca de fomentar as ações:

[...] a gente acha que [...] dá conta de fazer um análise de conjuntura muito eficaz! Que leve em consideração todos os elementos que deveriam ser levados em consideração, inclusive os elementos humanos, e aí eu comecei a sentir muito falta disso, eu comecei a ver que [...] esse jeito de ler a realidade, ele é muito crítico, mas ele é pouco enriquecedor dessa própria realidade. E aí a arte ela ajuda até mesmo nessa leitura, então eu comecei a fazer isso pra me ajudar na própria leitura da realidade, [...] os grandes diferenciais, eu acho, do trabalho do assistente social não é requisitar a demanda, é ir junto com o sujeito pra ele verificar qual é a real demanda, né? Porque eles chegam com demandas, como você vai fazer aquilo? Como você peneira isso? E a arte ajuda muito. E aí eu fui por aí, fui conversando, trazendo a arte como uma mediação [...], uma particularidade no caso, e fui trazendo ela assim, fui trabalhando com ela. (Pina Bausch)

Assim, o *respeito*, além de fator preponderante do momento reflexivo de criação no processo de trabalho, é tomado como um valor fundamental dos sujeitos; através do respeito vão se tecendo as ações de intervenção. Transmitir respeito significa encontrar palavras e gestos que fazem com que ele seja sentido e pareça convincente, como vimos. Tanto a arte como a antropologia são guias úteis para explorar como as pessoas em nossa sociedade podem expressar respeito, assim como podem atravessar fronteiras da desigualdade. Ao procurar por pistas, podemos descobrir aspectos de um valor não exatamente social. São atos expressivos, quando ocorrem e revelam algo sobre como o caráter toma forma: o caráter enquanto aspecto do self capaz de motivar os outros. (SENNETT, 2004)

¹⁰ Em sua obra “Respeito: a formação do caráter em um mundo desigual”, Richard Sennett (2004) relata sobre estudos antropológicos que tentaram compreender os rituais que afirmam o respeito mútuo; tratam-se de estudos que fizeram descobrir representações rituais que diminuíam as desigualdades unindo mais estritamente os membros de uma tribo.

[...] eu não levei de imediato as oficinas, eu quis identificar a relação que os adolescentes estabeleciam com o rap; quando eles chegavam lá no pátio, colocava lá música pra tocar, aí eu ficava ali; como era a questão do cantar, do corpo, das ideias? Então eu digo que o pesquisador, aquele que realiza, que cria algum instrumento de trabalho com o outro tem que saber primeiramente criar essa ferramenta, eu optei por observar, criar a ferramenta, do que levar a ferramenta pronta, então quando eu falo isso é no sentido de respeitar os valores que esses adolescentes tinham, porque era um gosto que eles tinham; então eu comecei a realizar oficinas e nessas oficinas eu comecei a trabalhar com eles conteúdos voltados para os objetivos da medida [sócio-educativa] e também, levando em consideração o prazer próprio [...] (Vulgo Elemento)

Além de indagações sobre os sentidos da demanda, o sujeito entrevistado relata as peculiaridades dos usuários que chegam até ele e o diferencial que as ações possibilitavam:

[...] então me chamou a atenção a história dessas mulheres, a história de vida, o sofrimento, as desigualdades e todos os enfrentamentos que elas faziam na vida cotidiana delas e que naquele momento era um momento de alegria pra elas; então pra mim ficou muito claro o quanto a gente tem que lutar pela questão dos direitos sociais, é uma luta contra a desigualdade, mas também como é importante incorporar nisso a alegria, o lazer, porque essas mulheres elas estão ali no CRAS elas buscam os direitos sociais, mas elas buscam também a alegria, então isso vem da onde? Isso vem do lazer, enquanto política pública isso vem de onde? Isso vem da cultura, isso vem do lazer, e como a gente entende também é... trazer pro nosso exercício profissional essa importância, de possibilitar também algum direito e o acesso dessas mulheres no caso lá no CRAS, mas o acesso da população a isso, então assim, a demanda, o que que é a demanda do CRAS? Não é só ali o Bolsa Família, o Renda Cidadã, mas é uma demanda que também exige isso. (Tarsila)

No cotidiano institucional, o assistente social precisa estar atento para as necessidades imediatas mas é na dimensão da consciência cidadã que se instala a alma da intervenção, especialmente, quando pensamos na expectativa desses sujeitos, em sua potencialidade, na força de sua contribuição como sujeitos singulares e coletivos.

3.2.2 A relação entre a formação profissional do assistente social e a arte.

Há na formação profissional em Serviço Social uma preocupação centrada em três grandes argumentos do pensamento marxista. Iamamoto (2011, p. 71) trata-os como núcleos “*que articulam um conjunto de conhecimentos e habilidades necessários à qualificação profissional dos assistentes sociais na atualidade*”, são eles: 1. fundamentos teórico-metodológicos da vida social; 2. fundamentos da formação sócio-histórica da sociedade

brasileira; 3. fundamentação do trabalho profissional. Não existe nestes núcleos correlação direta com um conhecimento que aborde a arte.

Um estudo mais aprofundado acerca de questões estéticas na formação profissional se dá, ainda, de maneira muito tímida, de modo que explorar veementemente tal território e buscar conhecimentos sobre esta matéria, na maioria dos cursos de Serviço Social, acaba ficando mais a cargo de uma busca independente e pessoal.

No entanto, a própria formação, ao propor a crítica da realidade social, permite que possa haver a articulação com a arte, para aqueles que a buscam, como ficou presente nas falas dos três sujeitos entrevistados:

Eu acho que não tem como, né? Não falar que a sua formação profissional não delimita ou implica em certo sentido o objeto da sua escolha de pesquisa e norteia a sua prática profissional, eu acho que é uma coisa que é muito articulada essas duas coisas. A minha formação profissional não me influenciou em nenhum momento ao trabalho com arte, mas alguns professores, algumas reflexões feitas em sala de aula me angustiavam muito no sentido de extrapolar o que chega, as demandas; e aí “como faz isso?”. E outra coisa que também me angustiava muito era o Serviço Social não fazer a revolução, por não ser a tarefa de nenhuma profissão, mas ter isso como horizonte, como se resolve na prática profissional? E aí essas reflexões para entender isso dentro da formação profissional me levou, enquanto indivíduo, a procurar o caminho que desse suporte na busca disso, e aí nesse sentido teve influência, mas acho muito particular esse tipo de construção, não acho que por si só a formação profissional do jeito que ela está dê conta de elementos tão fora do Serviço Social[...] (Pina Bausch)

[...] meu interesse em buscar, por exemplo, o curso de Serviço Social e buscar né, continuar pesquisando a realidade das desigualdades sociais, ao mesmo tempo se deu pela via do Serviço Social no momento em que a gente na graduação começa a estudar, por exemplo, teoria política, teoria econômica, sociologia, antropologia, são disciplinas que contribuem para esse olhar em relação às classes sociais, as desigualdades, a cultura, é... E aí eu acho que isso deu uma contribuição pra que eu conseguisse responder essa indagação de como a arte poderia contribuir, mas num exercício profissional mesmo, lá no cotidiano de trabalho a partir de um amadurecimento. (Tarsila)

[...] o rap e a poesia é anterior à minha formação, a formação em Serviço Social veio depois e eu passei a ter um acréscimo de formas de elaborar o conhecimento, então quando eu tenho em mim a perspectiva da arte – e a minha arte é bom dizer que é arte na perspectiva crítica – e eu iniciei uma formação em Serviço Social, eu vejo isso como um diálogo entre áreas diferentes, e eu acho relevante, porque é anterior à formação em Serviço Social, porque essa formação, como diz Morin, é autodidata, autodidata em mim, eu não fiz escola de arte, eu não participei de nenhuma escola de arte, a minha arte ela surgiu, ela foi construída em mim ao ver alguém fazendo, e aí eu falei “poxa, gostei, quero tentar fazer”, quero tentar fazer, fui e fiz, e eu me fiz enquanto sujeito. A formação em Serviço Social aos poucos eu fui vendo que ia contra muitas coisas que eu, na arte, também ia contra, então eu olhei um certo ponto e disse “tem tudo a ver, é isso!”. Então a minha formação é isso, vou deixar bem claro que na minha formação uma coisa veio primeiro, depois veio a outra, mas independente se é primeira ou se não em colocação, mas enquanto movimento, qual foi o primeiro movimento, qual foi o segundo movimento[...] (Vulgo Elemento)

Constatamos, assim, que a arte se revela mais uma busca pessoal do que como aspecto integrado ao processo de formação profissional. Aparece mais relacionada àqueles que já possuem uma sensibilidade vinculada a esta área.

Tal fator demonstra a ausência de estudos mais aprofundados sobre a importância da estética e também sobre a subjetividade nos cursos de graduação em Serviço Social, portanto, a necessidade de realizar tal inserção. Observar melhor o currículo do Serviço Social é uma necessidade contemporânea; trata-se de um desafio diante da atual conjuntura de mercantilização da educação, dos valores, da vida.

Pensar como a arte pode manter relação com a formação profissional não pode se dar de maneira dissociada à atual conjuntura de transformações na sociedade, decorrentes da crise não só do capitalismo, mas das relações afetivas e sociais, do ritmo do cotidiano, na velha ética do trabalho, na tecnologia avançada, nesse novo mundo do qual pouco sabemos ainda e que requer alterações nas formações e práticas profissionais.

Os processos de formação e de educação profissional caminham em direção à nova cultura do trabalho, a fim de manterem-se compatíveis com o atual projeto do capital. É exigido do sistema educacional e dos processos educativo-formativos adequações ao novo padrão produtivo, e a arte em sua perspectiva ontológica, representa justamente uma contradição em relação a esta ordem, portanto, algo que não interessa ao que se convém chamar de mercado educacional.

Para um dos sujeitos, a relação entre a formação profissional e a arte é quase nula, e nos poucos momentos em que a arte está presente na formação profissional, é vista de uma maneira que pode gerar concepções equivocadas sobre seu sentido essencial:

[...] a arte na formação em Serviço Social não existe, não existe; a gente não discute a arte na formação, [...] a arte é mais uma abertura do Serviço Social e a gente não está falando disso; eu respeito todas as expressões artísticas, vai lá um grupo X, faz, dança, tudo e pronto. [...] a arte pra cada um que estuda tem um conceito, tem um entendimento, enfim. Agora vamos dizer: no trabalho com o outro o único assistente social que vai utilizar a arte como um instrumento, como mediação em sua prática é aquele que já conhece a arte ou por gosto ou por exercer; não é necessário que seja artista para que venha a utilizar algum recurso da arte... eu acredito nisso! Porque eu já fui criticado, uma crítica positiva "Ah, porque você já é rapper e poeta, então já é mais fácil". Não! Se você tem sensibilidade à arte, desenvolva; não precisa você ter a carteirinha da ordem dos músicos pra poder desenvolver, não, não é necessário; é sensibilidade para; então os assistentes sociais que eu conheço que desenvolvem algum trabalho pautado pela arte ou eles são artistas, ou eles têm um senso crítico e sensibilidade à arte, e eles entendem que a arte não é pra abertura e fechamento e trabalham arte numa outra perspectiva; então eu considero que ela é importante, ela é importante porque ela é uma linguagem, há uma possibilidade vasta de criar identidade e identificação, e também porque quando você utiliza arte em um

processo de trabalho você pode ter ao mesmo tempo aquilo que a Heller vai dizer [...] da suspensão do cotidiano [...](Vulgo Elemento)

Nesse sentido, o mesmo sujeito entrevistado enfatiza a importância de uma efetiva sistematização da temática sobre a estética na formação profissional:

[...] então, é necessário sim que se tenha uma sistematização e que isso seja tomado de uma forma verdadeira, com possibilidade de implementação, de realização com diversos públicos; minha metodologia eu desenvolvi no sistema prisional e também com o adolescente e é muito interessante nesses movimentos você envolver a pessoa, nunca deixar ela do lado de fora, é não fazer o salvamento no fundo do mar, tem que ser na areia. (Vulgo Elemento)

Pela via de pensamento de outro sujeito entrevistado há uma crítica à própria fundamentação profissional, demonstrando certo caráter introspectivo do Serviço Social na tentativa de manter seus princípios, ato que pode gerar dificuldades em prosseguir com avanços e lidar com o diferente:

[...] a profissão tem muita dificuldade ainda com isso; às vezes fico pensando se é por conta de certas questões endógenas do Serviço Social que fazem com que ele se torne frágil e não consiga captar essas outras nuances de possibilidades mesmo, que têm, né? A gente fica se olhando muito, e aí quando você tem uma proposta que não dialoga tão diretamente com o Serviço Social, que tem que ser feito uma mediação pra conseguir usar, a gente tem um pouco mais de dificuldade de entender o porquê, o pra que, e a formação profissional hoje, acho, tem desafios que estão postos e são imensos, eu acho que fica mais frágil ainda [...]. Na formação profissional, eu acho que faz toda diferença, toda diferença mesmo, e a minha contribuição eu vou tentar trazer por aí, fomentar esse debate ainda na formação profissional. Uma tentativa mesmo de fomentar esse debate no Serviço Social na formação profissional. (Pina Bausch)

Atualmente, é necessário um cuidado para que o ato de fechar-se não culmine em um retrocesso em relação aos avanços e a maturidade teórica conquistada até o presente, afinal, a realidade é dinâmica e carece de constante lapidação. Esse fator se agrava pelo que já foi exposto anteriormente; a conjuntura atual tende a não beneficiar uma formação que propicie o contato com a importância da arte e dos fundamentos estéticos.

No entanto, ainda assim, é possível visualizar o campo da resistência no espaço da docência, em trabalhos em que há articulação direta com a arte, como retrata Tarsila:

[...] para a formação profissional ela [arte] é muito importante, eu vou te falar pela minha experiência profissional lá na faculdade X que é a seguinte: os alunos têm atividades complementares; são atividades direcionadas, algumas delas; então o

aluno entra no primeiro semestre, no segundo sempre tem atividades direcionadas pra que ele conheça o museu, o memorial da América Latina, o museu da resistência, pra que conheçam espaços culturais que aqui em São Paulo tem muito, e sempre é com um professor que é o professor de referência da disciplina que faz esse movimento com eles, de estar junto, de estar discutindo teoricamente o que eles estão vendo lá na faculdade e o que isso representa aqui nesse museu, e isso é muito importante, por quê? Porque [...] muitos alunos não conhecem, eles não conhecem o centro de São Paulo, o que significou a Praça da Sé, eles não conhecem o Memorial da América Latina, eles não conhecem a pinacoteca, então é muito interessante no sentido de despertar aquilo que o professor vem discutindo em sala de aula e eles vão vendo pra o que serve, e é uma forma também deles se ampliarem culturalmente do espaço, que é a cidade deles, é... então, assim, sem dúvida muito importante [...]. Lá [na faculdade] nós temos a semana cultural, que acontece sempre no segundo semestre de cada ano; então é uma semana que sempre se discute arte e cultura no contexto do Serviço Social; cada ano nós temos um debate que a gente realiza, por exemplo, no ano passado nós discutimos cultura na América Latina: lutas e resistência sociais; então através do debate da cultura nós discutimos a conjuntura da América Latina, a luta de classes, nós discutimos o currículo [...] todo ano, toda semana cultural é feito um movimento para dialogar com a arte, com a cultura no contexto do Serviço Social, desde as diretrizes, aos movimentos sociais, e paralelo a isso então nós temos as mesas e temos também as exposições, isso tudo é feito pelos alunos também, viu?! [...] por exemplo, no ano passado essa experiência, nessa semana, nós fizemos uma exposição sobre a América Latina, então os alunos pegaram um mapa da América Latina e construíram uma exposição, então a pessoa chegava no saguão da faculdade e percorria ali; o ano retrasado na semana cultural eles fizeram um túnel da arte, que era também um labirinto e dentro desse labirinto iam montando o que significava a arte no contexto das resistências, da alienação, da massificação, e arte no seu sentido ontológico; então isso é muito importante porque traz um diferencial pra formação dos alunos[...] (Tarsila)

Relacionar teoricamente disciplinas estudadas no curso com as expressões estéticas presentes nos espaços culturais públicos é uma questão observada pelo sujeito, tanto como acesso à riqueza cultural da região ou município quanto um modo peculiar de apreensão do conhecimento na formação em Serviço Social. Essa aproximação, muito provavelmente, pode repercutir em um modo de pensar e de agir que ao longo do tempo pode contribuir para na formação de identidade profissional.

3.2.3 Referências teóricas utilizadas para realizar ações ao nível da arte

Pensando a profissão enquanto uma prática social, educativa e política, faz-se necessário conhecer as principais referências teóricas utilizadas pelos sujeitos entrevistados, para obterem os fundamentos necessários à aplicação das ações, principalmente, por se tratar de uma temática com fundamentos filosóficos muitas vezes desconhecidos. Nesse sentido, os sujeitos argumentaram:

Marx e Lukács; na minha dissertação eu tive que estudar Lukács e é uma literatura muito difícil e aí, pra começo, pra primeiro contato acho que deu até pra entender

um pouco; é bem complexo, mas assim, a base é a leitura marxiana; tenho lido bastante o Vázquez também, gosto bastante, Ernst Fischer, Leandro Konder, Celso Frederico, quem mais? Ah, tem muitos, Marilena Chauí eu gosto, então tem uma biblioteca boa pra ler sobre arte. Do Serviço Social deixa ver se tem alguém...que discuta arte não consigo lembrar ninguém agora, mas minha base é Marx, é importante, porque assim, você estuda a questão da arte muitas vezes a gente corre o risco de cair na subjetividade e esse risco é muito complicado porque você está defendendo uma ideia mas que na verdade está sendo equivocada então é importante recorrer aos clássicos, ler o capital, ler os manuscritos, toda a produção pra depois começar especificamente ler sobre a arte, então essa é a base. (Tarsila)

A perspectiva metodológica de Karl Marx está imbricada com categorias teóricas que são peculiares à sua obra: o valor trabalho, o método dialético, a perspectiva da revolução, entre outras. Segundo Marx, é pelo trabalho que se dá a mediação e a materialidade entre o homem e a natureza, a síntese entre sua materialidade e subjetividade. De acordo com o autor, o ser humano tem capacidade de projeção de finalidades, trata-se da capacidade teleológica, e pelo trabalho o homem se autoconstrói, surgindo daí um novo ser cuja natureza é social.

Georg Lukács, filósofo húngaro, é sucessor de Marx, adepto do pensamento marxiano que, sem prejuízo à obra do pensador, acrescenta aspectos peculiares da sociedade capitalista no século XX. Nessa mesma perspectiva enquadra-se o pensamento das outras referências tratadas pelos sujeitos, com ênfase na relação estética.

Quando o sujeito trata do “risco de cair na subjetividade”, verifica-se algo muito próprio ao modo como a teoria marxiana é introjetada pelo Serviço Social; está presente na fala do depoente o fundamento na perspectiva materialista. O receio à *subjetividade* nos faz pensar que algo está equivocado em nossa profissão pois a arte é a expressão mais nítida do social, da cultura, dos valores estéticos mas também das emoções, dos sentimentos, das alegrias e dos traumas da alma. Revela ao mesmo tempo, a singularidade e a dimensão de nossa humanidade.

Outro sujeito destaca o mesmo tipo de referência teórica:

Lukács, Marx, o Coutinho, Mézaros; dos movimentos sociais – porque eu estudo movimentos sociais também –, Manuel Castells. Na parte do Serviço Social a Yolanda Guerra. Na parte da arte pesquiso a Susan Sontag na fotografia, o Lukács na estética, na música vou dar uma olhada no Vila Lobos, na estética tem um cara muito legal também que eu já li, o Umberto Eco, uso um pouco de Paulo Freire, Eduardo Galeano na poesia; na poesia muitos autores brasileiros e latino-americanos, na dança a Pina Bausch que eu gosto muito, ela traz o elemento da reflexão das pessoas com quem a gente trabalha, ela traz a questão do corpo repetitivo, e você não tem que desconstruir esse corpo, você o intensifica e transforma, então acho isso muito legal. Augusto Boal no teatro, na pintura eu vou mais pro lado das artes plásticas e da pintura mesmo, vou usar alguns clássicos, mas

também discutir os artistas mais próximos do mundo, do universo delas [mulheres atendidas], que é a questão do grafite, né?! (Pina Bausch)

Nesse caso a linha teórica segue de maneira muito parecida com a do sujeito acima, com o acréscimo de estudos sobre movimentos sociais, com o autor de grande referência nesse sentido – Manuel Castells – que, na lógica marxista, trata do papel dos movimentos sociais no cenário urbano. Acrescenta tal referência por realizar um estudo da arte como elemento de reforço contra-hegemônico do Serviço Social junto aos movimentos sociais.

As inspirações de ordem artística – dança, poesia, fotografia, música, teatro, pintura – fazem demonstrar a diversidade de elementos utilizados para a execução do trabalho; nota-se que o sujeito tem afinidade com tudo isso e se apropria de fontes de extrema relevância nas respectivas expressões artísticas.

Para o outro sujeito entrevistado, além das referências teórico-filosóficas, foram expostas as inspirações de ordem familiar e as manifestações artísticas, propriamente:

[...] em relação ao rap foram vários grupos que me inspiraram: o Gog, de Brasília; Taíde e Dj Hum, que agora é só Taíde, era uma dupla, a dupla se separou agora é só Taíde; o próprio Racionais Mc's aqui de São Paulo [...] Em relação à poesia lia os clássicos, lia os clássicos, mas bem aquilo, eu sentia os clássicos sempre do outro lado da rua e nunca sentado ao meu lado lendo pra mim, lia Fernando Pessoa, Drumond, Cecília Meireles, só que numa fase mais amadurecida da minha vida, comecei a ler o Antunes e um poeta que é o Manoel de Barros, esses dois são autores que quando passei a ler a poesia, numa fase mais adulta da minha vida, percebi uma identificação muito forte com esses dois. Academicamente tenho como referência o próprio Marx, Celso Frederico, Goldman, Lukács, são esses quatro que... E gosto muito de Morin; também o incluo até pela perspectiva do conhecimento coletivo, da interação, da troca dos saberes; então esses cinco autores são os autores que me dão mais embasamento. Agora, vou ser atrevido e encaixar aqui um quarto ponto de referência, que são os meus pais, porque através dos meus pais, desenvolvi algo em mim que é a capacidade de sintetizar algo grande em frases curtas, os meus pais eram reis nisso; eles tinham uma facilidade em sintetizar algo grande numa frase curta, e essa capacidade deles me chamava muito atenção pela riqueza, porque eles me falavam uma frase e essa frase me fazia pensar, e é uma coisa que eu tenho muito em mim, são *insights*, e isso eu tomo também, como algo que é muito presente na minha formação [...] (Vulgo Elemento)

Ao tratar das referências teóricas, há também por parte desse sujeito uma forte identificação com Marx e pensadores correlatos à sua teoria, mas, além disso, inclui concepções do pensamento de Edgar Morin.

As oficinas realizadas pelo sujeito entrevistado, revelam sua inspiração pela conceituação teórica de Morin quando cita alguns aspectos como: “conhecimento coletivo,

interação, troca dos saberes”. Estes são princípios constituintes do trabalho desse profissional e talvez por isso ele sentiu a necessidade de recorrer à concepção teórica do pensador, afinal, suas ações são construídas junto com os usuários, de modo democrático, sem imposição de saberes.

A referência que o sujeito entrevistado faz a tal teoria pode se dever ao fato dessa conceituação priorizar o diálogo entre os diferentes campos do saber, sem impor o domínio de um sobre os outros, visando interação entre os conhecimentos, na tentativa de abolir as distâncias culturais, reaproximando os homens entre si e destes com a natureza, ou seja, uma nova consciência diante do mundo, dos homens e das coisas. Além disso, Vulgo Elemento também se inspira em Morin ao tratar a arte como uma via de conhecimento.

Já nas inspirações de ordem artística, visualiza-se a afinidade do sujeito entrevistado tanto com os clássicos da literatura quanto com os elementos oriundos da cultura da periferia, essas duas vertentes compõem uma relação de complementaridade, e desse modo ele faz com que a mensagem que quer transmitir tenha maior efetividade, e seja “palpável” aos usuários inseridos na ação.

3.2.4 Relevância da execução do trabalho envolvendo a Arte

O Serviço Social é uma profissão que tem bases de fundamento na justiça social. Aqueles que buscam se inserir no Serviço Social, vislumbram uma sociedade que possibilite relações mais dignas aos seus sujeitos mais excluídos dos bens e serviços da sociedade.

Agregar os fundamentos da arte à prática do Serviço Social pode ser uma alternativa que o profissional utiliza para intensificar suas ações em busca de uma sociedade mais justa, na qual os cidadãos possam vivenciar experiências mais humanas, por meio do esplendor da arte.

Portanto, aqueles que se apoiam nessa proposta o fazem porque estão envolvidos com aquilo acreditam enquanto projeto de sociedade, e investem na relevância desta mediação como proposta de intervenção profissional.

Para Pina Bausch, esse envolvimento se dá da seguinte maneira:

Eu acho que a grande contribuição do trabalho com arte, em primeiro lugar, foi pra mim, para mim mesma, e eu acho que se não for isso não tá rolando, não está acontecendo nada; acho que esse é um parâmetro que tem que estar presente em qualquer tipo de intervenção, se aquilo não te modificou profundamente e não veio avançar, tá errado. Acho que o meu parâmetro é esse: a própria modificação ao modificar; eu acho que esse é um parâmetro que é fundamental pra minha intervenção no Serviço Social; se aquilo virou uma coisa externa, aquilo virou uma aplicação, você está fazendo uma aplicação na realidade, e aí o conceito de práxis vai totalmente por água abaixo. Então, acho que a primeira modificação foi em mim, que abrir canais de entendimento do mundo é muito importante nesse trabalho com a arte. (Pina Bausch)

Nessa medida, o sujeito entrevistado coloca o caráter da mudança como algo que deve, inicialmente, partir daquele que propõe a ação. Quando afirma, “a sua própria modificação ao modificar”, entra em pauta algo que está presente na obra marxiana, afinal, Marx apreende na realidade o trabalho enquanto ato de objetivação, explicando que o homem ao transformar a natureza, transforma a si mesmo. Pina Bausch, na medida em que se doa ao trabalho proposto, sente a intrínseca necessidade de modificar-se, para que possa de alguma forma avançar.

Outro fator que ficou evidente nas falas, quando está em pauta a relevância do trabalho com arte, foi a questão da formação do vínculo entre profissional e usuário; para que o vínculo se concretize a relação de confiança é fundamental; é mediante o estabelecimento dessa relação que o usuário vai conseguir expor suas maiores fragilidades, seus sentimentos, vivências. A arte por ser acolhedora e incitar os sentidos, se mostra como algo que propicia esse enlace.

[...] a arte vai além de qualquer defesa que você tenha, por mais que você esteja querendo se resguardar, alguma coisa que você acha que tá pior, alguma dor, ou alguma parte que você não queira compartilhar, e muitas vezes porque é a única coisa que te resta, – isso tá muito dentro de quem anda no campo da resistência – e tudo o que não é compartilhado não está sendo enriquecido, está se desumanizando, porque a gente entender o ser enquanto ser social é isso, é entender a capacidade de compartilhar, de dialogar, como uma questão essencial da vida. E aí isso acontecia muito, eu via as pessoas muito surpresas por conseguirem estar tão abertas, isso me surpreendeu no começo [...] (Pina Bauch)

Na fala de Pina, “compartilhar” é entendido de maneira indispensável; nas experiências que teve, a arte propiciava, tanto para o profissional quanto aos usuários uma reação inesperada, afinal, os usuários quando interagindo com a arte, portavam-se com maior abertura.

Vulgo Elemento, expõe em sua fala questões relacionadas a episódios que presenciou e os modos que encontrava para conjugar, de maneira prudente, os procedimentos no trabalho

com adolescentes cumprindo medida socioeducativa de internação; o sujeito entrevistado considera fatores imprescindíveis em suas ações, tais como o movimento, a mudança, as questões pessoais internas:

[...] durante o procedimento metodológico das oficinas, considerando a presença do sujeito e considerando o que ele traz, o que ele quer, considerando o contexto, o cenário e principalmente o desenvolvimento normal das ações, as etapas, e a cada etapa considerando também o movimento não linear, mas o movimento de idas e vindas; é algo que é construído e não algo que é imposto é o que eles conseguem sentir que houve de mudança, e não somente que houve uma mudança, mas de mapear; então, nas minhas oficinas eu perguntava para o adolescente, ou no caso do adulto, perguntas simples, - a gente que é acadêmico adora falar bonito – perguntas simples: “Como você está hoje? Você está bem aqui?” perguntas simples “O que você está sentindo? Você está bem?”, perguntas simples; e tomar cuidado com as perguntas, porque toda pergunta por mais carinhosa que ela seja, até a pergunta mais severa, toda pergunta é invasiva, vai exigir do outro algo que está dentro dele, e não há lugar na vida mais delicado de entrar da vida de alguém; então às vezes a pergunta – isso que eu vou dizer aqui pra você é um pouco poético, mas você vai saber – nem todas as perguntas que eu fazia terminavam com interrogação, é perguntar sem usar o sinal de interrogação, ou seja, possibilitar o espontâneo. (Vulgo Elemento)

Para Vulgo Elemento, “construir junto” trata-se de um importante modo de provocar a mudança, pois diz respeito a uma relação pautada na horizontalidade. O profissional refere-se ao ato de entrar nas questões mais íntimas da vida dos sujeitos com a cautela para que a ação não seja invasiva ou hostilize os sujeitos.

Desse modo, para Vulgo Elemento, “possibilitar o espontâneo” compõe uma forma de dirigir-se ao outro com apreço, e são atitudes nesse nível que vão possibilitar um vínculo consistente que possa viabilizar, de fato, a mudança; afinal, na trajetória de vida de diversos sujeitos que recebem atendimento do assistente social, é possível notar a inexistência de alguém que tenha lhe propiciado essa relação construtiva de vínculo; são casos em que se torna inviável cobrar destes sujeitos alguma perspectiva de mudança, pois não tiveram a possibilidade de, ao menos, participar das escolhas para a construção de seus próprios projetos de vida, e muitas vezes, têm suas histórias marcadas pela imposição, a violência, o medo.

Vulgo Elemento, parte da natureza, da confiança como um estado privilegiado para vivenciar o efeito catártico:

[...] a questão da catarse só acontecia quando se consolidava a relação de confiança, eu percebia que isso acontecia quando já estava consolidada a relação de confiança. Confiança em quem para com quem? Deles para comigo, e vice-versa, então a catarse era algo existente sim. [...] a catarse é quando a confiança estava consolidada, e a questão do humano genérico é quando já tinha consolidado o pertencimento e o reconhecimento da identificação daquilo que está acontecendo, ou

seja, “esse espaço é bom pra mim, eu quero ficar aqui!” Aí, quando eu perguntava, por que a poesia? Ele falava: “porque a poesia me toca, me faz pensar”. Por que o rap? “porque o rap traz uma história de vida”; então isso tem que vir do outro, então isso aparecia, mas mediante um processo do que acontecia ao decorrer das oficinas de rap e poesia. (Vulgo Elemento)

É importante considerar que na relação de horizontalidade não basta o envolvimento do adolescente com o profissional; a confiança deve partir do princípio da reciprocidade, e Vulgo Elemento, relata que a partir dessa relação se fazia possível a catarse. O humano genérico é apresentado como algo presente na proposta de trabalho do profissional, principalmente na medida em que o adolescente se insere na condição de pertencente, como sujeito que faz parte da estrutura de trabalho que fora construída.

Vulgo Elemento detalha que o trabalho provoca impactos e por isso deve ser realizado de forma cuidadosa, afinal lida com sentimentos, com a consciência íntima, portanto exige uma estrutura que respeite o movimento de estar junto, e o movimento de “ida e volta”.

[...] eu lidava com uma série de sentimentos: angústia, saudade; quando acabavam as oficinas, eu percebia da parte deles a vontade de continuar, por que eles queriam continuar? Por causa de outra categoria: o vínculo; porque eles sabiam que – essa linguagem aqui é nossa – como havia a suspensão do cotidiano, eles teriam que voltar à Terra – você entende o que eu chamo de Terra – então eu tinha que tomar um enorme cuidado tanto no movimento de encontro, no movimento de ida e no movimento de retorno, porque se você não tem cuidado no movimento você põe o trabalho a perder, ou seja, é um trabalho que envolve subjetividade, e o Serviço Social trabalha subjetividade, a gente tem um entendimento que trabalhar subjetividade tem que ser psicanalista “eu vou fazer terapia”, não é nada disso, não são seções terapêuticas com grupo de jovens, não era isso, eram oficinas de poesia com caráter prático reflexivo, crítico reflexivo; e foi daí que eu passei a ter essa questão da subjetividade, não da subjetividade, mas da forma como a gente vê a subjetividade, pra mim é muito simples, o que é subjetividade? Está ali, eu estou olhando pra ela, era ele, era o adolescente ali naquele momento dizendo “estou com saudade da minha casa”. (Vulgo Elemento)

Ao trazer a categoria subjetividade, Vulgo Elemento ressalta questões importantes para que o trabalho não seja entendido de maneira equivocada, relatando que, considerando a forma como vemos a subjetividade é possível oportunizar ações com caráter prático-crítico-reflexivo.

Já na fala de Tarsila, enfatizou-se a relevância da arte no campo da docência em Serviço Social, a entrevistada demonstrou o modo como articula a arte no ato de lecionar disciplinas da formação profissional:

[...] em sala de aula eu trabalho com uma disciplina que é a disciplina processos de trabalho, então a gente discute a categoria trabalho e questão social, e aí eu também trago a arte como uma mediação pra discutir essas categorias, colocar a importância.

Então, por exemplo, tem um trabalho que eu faço com os alunos todo semestre quando a gente está discutindo a questão social no Brasil, eu dou dois quadros de referência, duas pinturas de referência pra que eles discutam a partir das pinturas, que é um quadro da Tarsila: 'Operários', e do Portinari: 'O Lavrador de Café'; e aí pra eles discutirem a partir disso a questão social no Brasil, o que isso representou, mas eles têm que fazer dois movimentos, o primeiro é pesquisar o que é o quadro, o que é a pintura e o que isso representou historicamente pro Brasil e fazerem a interlocução com a questão social; porque a gente fala de dois períodos que são os mesmos, então quando eles descobrem isso é muito interessante, que eles não tinham... Muitas vezes eles não tinham ideia de que a gente está discutindo uma coisa e ao mesmo tempo a outra, elas não estão isoladas, a arte não está isolada da questão social, e aí é interessante que os alunos dão uma devolutiva, eles acabam indo pesquisar também outras pinturas desses pintores, eles começam a pesquisar outras obras [...] (Tarsila)

A partir do relato de Tarsila sobre os dois movimentos – pesquisar o que é a pintura, e o que isso representou historicamente – é possível fazer um paralelo com a perspectiva de Heller (2008), que trata a arte como memória da humanidade. Ao lecionar a disciplina, o sujeito entrevistado coloca em pauta a arte como um modo peculiar de se conhecer fatos marcantes da história da sociedade que determinaram relações que causam impactos no cotidiano. Tarsila avalia que para os discentes, o contato com a arte se faz importante na medida em que os alunos conseguem compreender a relação que há entre a arte e a teoria do Serviço Social, além de tomarem gosto e apreciação pelo conhecimento artístico.

Tarsila relata, ainda, uma experiência que vivenciou:

A outra experiência que eu vou te falar é a experiência de uma aluna minha que fez o TCC sobre arte e foram muito interessante os resultados, o que ela fez? Ela fez uma pesquisa-ação, aquela pesquisa participante; então ela fazia estágio num CRAS e aí ela fez um planejamento de realizar o socioeducativo durante seis meses com as mulheres – que eram maioria – com a intervenção da arte, discutindo a questão do gênero; então ela sempre levava o recurso artístico. Então a primeira coisa que ela descobriu: que a arte humaniza, que as reuniões ficaram mais gostosas, as mulheres ficaram mais abertas, mais sensíveis com relação àquele recurso que ela utilizava, então a reunião teve uma outra dinâmica, teve um outro foco diferente do que antes era realizado, do que ela também realizava, então o que ficou claro aí é que a arte humaniza, sem dúvida [...] (Tarsila)

Os profissionais encontram-se diante de uma conjuntura própria do modo de organização econômica e social, em que as relações profissionais tendem a tornarem-se embrutecidas. Ações como a exposta na fala acima, ao nível da humanização do trabalho, indicam um diferencial em relação à lógica que está posta.

Tratando ainda da experiência com a aluna, aparece na fala a ideia de valor e cultura:

[...] o que apareceu também, né? que além dessa questão que a arte humaniza, ficou presente o conhecimento que essas mulheres tinham em relação àquela expressão [...] Que aí a gente entra naquela discussão de que arte estamos falando, é a arte mercantilizada ou é a arte nesse sentido da práxis, da criação, desse despertar, desse alcance à condição de gênero humano? E isso mexeu muito com ela, porque ela não soube...é claro que ela também não tinha muito preparo, super nova, estava terminando a graduação; isso chocou ela, por quê? Ela utilizou a arte como mediação pra intervenção do Serviço Social, então através desse recurso ela estava discutindo gênero, aí o que aconteceu? A devolutiva que essas mulheres davam pra ela não era aquilo que ela estava preparada pra receber, então isso mexeu com ela, mexeu tanto com ela que ela fugiu, fugia das orientações, ela sumiu, ela entrou em crise, fora os problemas pessoais. Então, e aí eu vou te explicar o que aconteceu, por quê? Porque ela estava trabalhando a questão de gênero então ela... teve um encontro que ela passou um filme, e aí nesse filme mostrava a relação de gênero, a construção dos papéis, e as mulheres depois no debate não concordavam, por quê? Porque a gente vive numa sociedade que é uma sociedade patriarcal, que a mulher é submissa que tem os seus papéis, então é natural que as mulheres não concordem mesmo com aquilo que ela estava tentando criticar na questão dos papéis; só que ela não conseguiu lidar com isso nesse sentido de fazer a leitura da totalidade e ver que sociedade é essa; ela achou que ia passar o filme e que esse filme já ia, né? [atingir a mudança]... Pelo conteúdo, ele não vai conseguir responder, aí eu fui trabalhando com ela, no sentido de que a gente tem que despertar, isso não quer dizer que a gente vai possibilitar uma mudança na concepção dessas mulheres, na visão de mundo dessas mulheres, isso não vai possibilitar uma mudança na opinião delas, não nesse primeiro momento, por quê? Porque você vai estar dialogando com a cultura, então culturalmente falando; que aí foi uma pesquisa teórica que ela fez: 'o que é cultura'. Então é a cultura subalterna, que é a cultura que tem todo um processo de alienação, é claro que tem a questão da resistência, do enfrentamento, e que as mulheres mostram, mostraram isso também, mas no primeiro momento as mulheres mostraram seus valores, que é o valor que está aí na sociedade, então foi muito difícil pra ela nesse sentido, dela conseguir lidar com a devolutiva que essas mulheres traziam, principalmente a questão dos papéis, por exemplo, a culpabilização da mulher, do filho que está lá fazendo medida socioeducativa, que cometeu um ato infracional, elas falavam que era culpa delas e mesmo que elas não falassem que a culpa era delas, a família colocava a culpa nelas como se elas tivessem criado errado... é a questão do estereótipo. Então assim, foi muito interessante, porque ela fazia uma leitura de mundo, então o filme, a pintura, pra discutir a questão do gênero, e as mulheres traziam como devolutiva os valores morais, os valores éticos presentes na sociedade que a gente sabe que são contraditórios, mas ela [estagiária/aluna] não conseguia trabalhar com isso, eu falei "mas perai, a arte como mediação você conseguiu responder, porque ela te possibilitou todo esse conteúdo pra você refletir, agora é um outro processo que você vai ter que buscar como é que você vai romper, ou vai discutir com elas tudo isso que elas devolveram", porque aí é um outro trabalho, uma outra estratégia, o que você tem que fazer agora lá como profissional, você tem que pensar como é que você vai desconstruir tudo isso que está presente que não é só delas, é de uma sociedade. Principalmente pra ela como pesquisadora, ali ela se mostrou muito sensível, e ela estava buscando... o que ela tava buscando com relação às mulheres era entender essa dimensão ontológica, só que não dá pra falar só dessa dimensão numa sociedade que é real que é concreta, que tem as suas contradições e que estão aí mediadas por tudo isso, então ela [arte] possibilita [suspensão do cotidiano], agora... o problema é como isso é possível no contexto da alienação.(Tarsila)

Compreender a arte como uma mediação é um importante caminho para não cair no romantismo e na conseqüente frustração. Mas trata-se de um importante meio para ultrapassar

a imediatividade; este ponto foi também tratado por Pina Bauch, levantando o nível da particularidade na mediação, ou seja, a ultrapassagem da aparência:

[...] quando você está ainda no campo da particularidade, você não está falando muito de resultados, você está falando no estabelecimento de condições para a prática, e aí esse estabelecimento, essas condições para a prática se dá de uma maneira muito mais produtiva com a arte... Porque se você colocar, se você falar de resultados com o trabalho com a arte, você está falando da arte como instrumento. [...] (Pina Bauch)

Pina destaca, ainda, o que é para ela a real finalidade da arte enquanto uma mediação, a profissional faz uma análise que demonstra não uma preocupação em atingir objetivos predeterminados, mas a liberdade de poder possibilitar aos sujeitos um espaço de suspensão:

[...] eu acho que arte como uma mediação não é eficaz no sentido de que você vai conseguir alcançar tais e tais coisas; eu acho que ela é eficaz no sentido de ter um espaço, isso é garantido, há uma garantia, você ter espaço para uma suspensão do cotidiano que por si só já é muito positivo, se você levar em conta o tanto que a gente tá massificado, então criar um espaço de suspensão do cotidiano trata-se de experimentar um outro jeito de ver, de entender, de se colocar no mundo [...] (Pina Bauch)

É imprescindível compreender a relação que há entre colocar-se no mundo e sair do contexto de massificação. A arte integrada ao Serviço Social pode contribuir para o a desalienação, como relata Tarsila ao tratar do assunto como um compromisso político:

[...] num cotidiano que é tão desumanizante, tão alienante isso é um compromisso político que a gente tem, porque é um compromisso político de estar possibilitando o rompimento com essa alienação, com essa rotina, com essa vida que tem aí todas as suas contradições e isso tem que também estar articulado, porque não é só possibilitar o despertar desse alcance, mas eu acho que isso tem que estar articulado também ao caráter político, que aí tem que direcionar também pra o que nós queremos, é claro que a arte não pode ter esse peso todo, mas ela por ela mesma também não significa nada, ela tem que vir sim com essas estratégias políticas, que é o caso dessa experiência da minha aluna, é você estar trazendo a mediação pra discutir o assunto, que isso facilita, que isso possibilita o alcance. (Tarsila)

Tarsila complementa relatando questões relativas à identidade dos sujeitos, e o modo como o profissional pode trabalhar sobre os valores que são impostos socialmente:

[...] no momento que ela [usuária do serviço] ouve uma música, que ela traz a sua memória, que ela se reencontra com tudo aquilo que está dizendo na música, ao mesmo tempo ela te devolve os valores, ela te devolve a sua opinião, tudo aquilo que culturalmente ela está sendo formada, ao mesmo tempo a partir dessa devolutiva aí é um compromisso político nosso de intervir nisso também, porque não é só a devolutiva pela devolutiva, no caso 'ah, essas mulheres, elas são submissas, elas tão alienadas, olha só, eu possibilitei com a arte, com essa minha intervenção que elas despertassem', mas e aí? Elas voltam lá pra casa delas, pro bairro delas e elas vão

continuar tendo essa mesma... esses mesmo valores. Então assim, é uma desconstrução que a gente tem que fazer com elas, mas não é só com elas, é com uma sociedade, é um trabalho de formiguinha que vem com um compromisso político, e um compromisso social até pra desconstruir isso. É por isso que eu quero estudar mais cultura, que é isso que me motiva também, é um compromisso político da desconstrução e de valorizar a contra-hegemonia também, a cultura popular, aquilo que se tem de resistência e de que isso contribui no contexto da luta de classes, do enfrentamento, porque a arte pela arte ela possibilita, mas e aí, o que vai acontecer depois? (Tarsila)

É possível realizar conexão com a fala de Vulgo Elemento, quando este retrata a relação do trabalho com os usuários na instituição e o chamado “mundo de dentro/ mundo de fora”:

[...] a gente vive hoje num cenário que está demandando novas tecnologias, é o como fazer, então o como fazer eu percebo que no cenário contemporâneo ele está sendo questionado, porque ele não vem respondendo, quando a pessoa retorna a um serviço. Quando o adolescente passou pela oficina, eu vi nele amadurecimento, o chamado menino que tem problema lá eu vejo que ele não tem problema nenhum, e ele sai. O que eu penso comigo? Tem profissional que sofre “Ai ele voltou, ele voltou, ele voltou [reincidiu ao Centro de Internação]” e tal né? Mas eu tenho que pensar o seguinte, eu tenho que pensar as responsabilidades, da instituição, minha, dele, e também da sociedade, eu tenho que ver a conjuntura, ele voltou por quê? [...] o mundo material das coisas ainda possibilita que ele [adolescente em cumprimento de medida socioeducativa] seja o que ele foi e não o que ele quer. Então eu não sou daquele que vai lá com a caixa de som, com a pastinha de letra “vou salvar os meninos e tudo e tal”, não! Lembra quando eu falei com você de trabalhar o que tem lá fora lá dentro, que não tem um lá fora e um lá dentro: é pra evitar isso [...] então ele [adolescente] vai trazer o seguinte, “mudou minha cabeça, mas o crime é o mesmo”. (Vulgo Elemento)

As ações que envolvem a arte podem ressoar impactos para os sujeitos em suas concepções individuais; mas ao término da atividade, ao retornar para a vida diária, o sujeito volta a deparar-se com a estrutura da sociedade monolítica com diversos empecilhos para por em prática as mudanças almejadas.

Desse modo, trabalhar sobre os valores pessoais é um princípio necessário, no entanto é preciso desconstruir questões de ordem estrutural, para que haja maior alcance da proposta de trabalho; o ideal é que essas mudanças partam do micro ampliando-se ao macro, entendendo que isso significa um processo vagaroso e que necessita de persistência.

Tratando ainda dos processos de desumanização e a necessidade de romper com eles, Tarsila relata como a arte representa um diferencial, fazendo um destaque sobre a importância do olhar em relação à estrutura social, além do peso que há na intervenção profissional nesse sentido:

[...] é um diferencial pra gente caminhar, pra gente contemplar o direcionamento do nosso Projeto Ético Político, que é o que? Que é a ruptura contra essa desumanização, contra todas as formas de violações, de violências, né, então é um diferencial que vai te proporcionar isso, que é o despertar, mas não só como eu falei anteriormente, desperta, mas você também tem que ter esse cuidado com a devolutiva pra você saber como vai intervir, porque não é só a devolutiva que muitas vezes vai ser negativa, que é resultado da própria sociedade, das contradições da sociedade, mas também como é que a gente vai intervir nisso a partir daí, porque esse é o diferencial, e possibilitar esse despertar nos usuários de que eles entendam que as necessidades são imediatas, mas que elas são para além disso, é uma dimensão política. (Tarsila)

Ao tratar desse aspecto, demonstra a preocupação de que as ações profissionais se deem em diversas dimensões, compreendendo que não se pode focar apenas as necessidades imediatas, pois é fundamental analisar o que há por trás delas. Diante disso, a entrevistada expõe, ainda:

É uma pobreza que não envolve só essa ausência de políticas sociais, que não envolve só essa desigualdade com relação àquilo que é produzido socialmente, mas é muito mais que isso, é uma ausência inclusive de algo que é para o espírito, então é para essa condição do humano genérico, que é o homem com seu enriquecimento cultural[...] (Tarsila)

Ao falar sobre “a ausência de algo para o espírito”, Tarsila demonstra uma preocupação que vai além do suprimento da carência daquilo que é palpável, mas a preocupação com a privação do que identifica o ser em seu gênero humano. Assim, remete-se à cultura, ou seja, aquilo que faz com que um sujeito sintam-se pertencendo ao conjunto da sociedade, para que possa compreender melhor o espaço onde vive, bem como participar e expressar-se. Menciona também, a discussão dos espaços ocupacionais como um campo de luta:

[...] quando a gente fala da prefeitura, da faculdade, da ONG, em qualquer lugar a gente tem que sempre lutar, que é a questão dos direitos, dos direitos sociais, do acesso aos bens e à riqueza socialmente produzida e entendendo que a riqueza também tem a ver com isso, com o espírito; o que é muito difícil né, porque a gente tá falando de ausência, sei lá, saúde, educação; então é muita demanda pra pouca condição de luta. (Tarsila)

Os relatos marcam a relevância da arte nas ações em diversos modos, isso se faz evidente com a frequência em que aparecem os termos “mudança”, “movimento”, “confiança”, “humanização”, “rompimento”, “valores”, “despertar”, “desconstruir”. As

experiências demonstram a possibilidade de instigar nos usuários a catarse e a perspectiva humano genérica, aspecto importante a ser explorado na prática do Serviço Social como uma forma de ampliar a efetividade do trabalho do assistente social àqueles que são destinadas as ações.

3.2.5 Desafios do trabalho com arte no âmbito do Serviço Social.

Diversos são os desafios para uma profissão que se posiciona na contracorrente em relação à ordem estabelecida. E em uma proposta de trabalho em que é colocado um diferencial a mais – no caso a arte – os desafios tendem a mostrar-se de maneira ainda mais evidentes, pois vão colidir tanto com a estrutura da sociedade em si, quanto com a própria profissão que, no interesse em manter seus princípios pode acabar engessando-se em seus próprios valores.

Não se trata aqui de desconsiderar os avanços pelos quais passou a profissão, mas de pensar que, assim como a sociedade está em constante mudança, é necessário produzir meios para que os princípios profissionais continuem progredindo e não se caia na apatia de acreditar que serão eternamente válidos de modo fechado; afinal, as demandas se apresentam a cada dia mais complexificadas, sendo preciso produzir vias que acompanhem essas alterações.

No trabalho com arte no âmbito do Serviço Social, Pina destaca desafios:

[...] o primeiro espaço onde eu senti descrédito em falar na articulação entre arte e Serviço Social foi no interior da categoria; e isso não só em relação à arte, mas em relação a qualquer pessoa que esteja se colocando, trazendo uma outra proposta diferente, porque parece que o Serviço Social tem algo muito valioso a defender, e aí isso, sabe, esse medo de coisa nova fala alguma coisa, porque eu acho que tudo que precisa de muita proteção está muito frágil, então, eu acho que isso está apontando alguma coisa. (Pina Bausch)

A fala abaixo de Pina, caracteriza uma preocupação com a profissão alertando que o fechamento da profissão em si mesma pode asfixiar a própria profissão.

[...] é fundamental a gente começar a pensar, principalmente, nos desafios colocados pelo Projeto Ético Político da Profissão pra ele não sucumbir, ou pra ele se fortalecer; é necessário isso; ver como que está um trabalho pra além da política pública, então, por exemplo, se você atende, se o usuário vem... é por isso que eu estou dizendo, inclusive, a arte enquanto mediação necessária para o fortalecimento desse sujeito coletivo e isso já está fora da política pública – o indivíduo chega com uma demanda, você trabalha com ele, ele vai voltar pra política pública por milhares

de outras vezes, mas o que aconteceu? Ele está inserido agora em qual caminho da política pública? Movimentos sociais, movimentos de bairros, ou o que seja, ong's, grupos, onde ele está? Onde ele se fortalece enquanto sujeito, mas pra além da política pública e inclusive como uma crítica no enfrentamento do controle da política pública; eu acho que a arte ela é exatamente isso, ela é um campo onde as pessoas chegam pra você por meio da política pública, evidentemente; você conhece quantas assistentes sociais que trabalham com movimentos sociais? Então ele [usuário] chega pra você, mas vamos colocar assim, é como se fosse um escorregador, ele entra e vai pra um... escorregador, até porque essa questão estética, a criação, tudo isso leva o indivíduo pra outra esfera dele e do mundo, só que o tomo não pode ser dentro da ficha [...] (Pina Bausch)

Sério desafio; o tema das políticas públicas aparece, ainda, nas outras falas; Tarsila explica como realizou um trabalho integrando a arte por meio da política de assistência social e de que forma este trabalho impactou no modo de organização política dos sujeitos atendidos, bem como viabilizou que estes sujeitos pudessem entender melhor o modo de organização da sociedade.

Eu acho que o ideal é que assim, [...] que ela [sujeito atendido] busque se organizar politicamente pra que contribua inclusive com essa luta diante do enfrentamento, dessa questão da política da forma como está colocada, esse é o ideal. Então assim, algumas experiências nós tivemos, por exemplo, quando eu atuava lá no CRAS nós tivemos algumas experiências de que algumas pessoas lá do CRAS passaram a fazer parte de coletivos, se organizar politicamente, em grupos, no Conselho Tutelar, no Conselho da Mulher, mas enfim, está dentro de um espaço político e principalmente entendendo – que eu acho que é importante também – que aquela necessidade que ela vai buscar, que muitas vezes ela não consegue, porque existe toda uma estrutura por trás da forma como está colocada que é preciso enfrentar; então eu acho que o ideal é isso, que ela entenda, que essa ausência ela não é ali uma responsabilidade do profissional nem daquele serviço, mas é a forma como está colocado, se ela entender isso aí é o despertar também que a gente tem que trabalhar nesse sentido, de qual é a contribuição da demanda diante desse enfrentamento. (Tarsila)

A arte não vai substituir política pública, ela não pode, entendeu? [...] A arte não substitui alguma coisa, a arte possibilita a criação de outras coisas, eu tenho isso muito amadurecido dentro de mim, eu vou repetir de novo, é a arte na perspectiva da criação, da produção, mas não da produção da arte somente, talvez nem ocorra, mas é a produção da participação da pessoa, do envolvimento, da posição dela dentro de um contexto, [...] porque eu já vi experiências pautadas pela arte que a pessoa estava preocupada em criar grupos de rap, então o menino estava cantando rap sem identidade, o menino estava indo pra oficina de rap faltando aula, isso é crítico reflexivo? Isso é pensar o ser social? Eu colocava isso, olha, se o adolescente diz: “quero ser rapper”, tranquilo, mas isso é uma coisa que parte dele, ou: “eu quero ser poeta”, parte dele. Então eu torno a repetir, as oficinas não eram oficinas de formação de artistas e sim de formação de pensamento na vida [...] (Vulgo Elemento).

É muito importante ressaltar o que está presente nesta fala, quando o sujeito relata que a arte não substitui políticas públicas, afinal, essa proposta de trabalho não é uma fórmula mágica que vai acabar com os problemas sociais. A finalidade do trabalho está mais centrada

nas questões relativas à vivência de experiências que vão auxiliar os sujeitos no trato com a vida, no olhar sobre si e sobre a sociedade.

A proteção social é incumbência das políticas sociais/públicas; para Pereira (1999), com o surgimento da questão social a proteção social é implementada para amenizar suas expressões, já que a questão social supõe correlação de forças e confronto de interesses opostos. Behring e Santos (2009), afirmam que as políticas sociais e a formação de padrões de proteção social são desdobramentos e até mesmo respostas às expressões multifacetadas e complexas da questão social no capitalismo, mas em geral são setorializadas e fragmentadas.

Assim, conclui-se que no contexto atual as políticas sociais mantêm-se seletivas e focalizadas na pobreza extrema, não atuam sob o princípio da universalidade e embora possam amenizar condições gritantes, não impactam a vida dos sujeitos de modo transformador. A arte articulada ao trabalho do assistente social não terá um resultado material e objetivo para suprir uma necessidade imediata; também não será algo que vai provocar uma mudança repentina no modo de organização da estrutura social que impeça, por exemplo, o adolescente a ser recrutado pelo tráfico de drogas ou a exploração sexual, pois esse papel cabe às políticas sociais. Mas, é um trabalho que pode influenciar na forma dos sujeitos entenderem a organização da sociedade e os movimentos que são necessários para que consiga obter melhores condições de sobrevivência e de humanidade.

Pina refere-se às políticas como “porta de entrada” e ressalta sua importância, mas destaca a necessidade de superá-las

[...] a política pública está sendo a nossa casa, ela é a nossa casa, você pega os objetos de pesquisa, você pega as lutas, elas são muito orientadas pra esse sentido, está certo, tem que ser, existe grandes avanços, têm que ser respeitados, eu defendo de fato a efetivação de direitos, mas quando a gente fala de emancipação humana [...] aí é um trabalho pra além disso, que pode estar no nível da política pública, mas que se materializa, inclusive, como enfrentamento da própria política pública, senão a gente está chovendo no molhado, senão a gente não está realmente preocupado em outra direção, não digo que está à frente, porque efetivar direitos é um passo de tira teima, mas precisa ter outras direções, precisa ter a direção do atendimento à demanda? Precisa. Precisa também a [direção] do sujeito, tem que ir lá o assistente social se qualificar enquanto ser humano. (Pina Bausch)

De acordo com o posicionamento de Vulgo Elemento, um desafio é o reconhecimento, com profundidade, da real proposta que articula arte e Serviço Social, e o modo como ela pode ampliar o campo dos instrumentais:

[...]eu acho que a gente pode ampliar muito a discussão sobre o que é arte, quem é, quem não é, quem pode, quem não pode, mas eu percebo que muitos trabalhos são deixados mais no campo do preenchimento, do lúdico, algo paralelo. Não é algo paralelo, é algo que pode estar dentro do barco, né? O menino na oficina faz tanta coisa bacana e não é dado atenção, não é dado atenção, a gente às vezes dá atenção somente ao que aparece por meio dos instrumentais comuns e alguns antigos, e mui antigos; se não aparece nada por meio desses instrumentais “tem que internar, está com psicose”. A gente vê isso aí, igual na psicologia a gente vê a questão da psicodrama – na minha opinião a psicodrama é a utilização do teatro, é uma utilização do teatro nos atendimentos – vai trabalhar os papéis, pega um pouco do teatro a encenação, inverte os papéis, né? É isso, a gente vai ver o teatro do oprimido e por aí há outros e outros e outros exemplos, só que infelizmente o Serviço Social eu acho que a gente tem que fazer um... propor isso também, propor isso também, tanto quanto nos temas dos seminários, tanto quanto pra publicação, né? Igual eu falei com você, eu não sabia que Marx falava disso, me ensinaram aquele Marx barbudo, sério, bravo e de repente eu vejo um Marx que faz cartas de amor, que faz altas metáforas, que lê Shakespeare, eu assim: “poxa!”.

E relata, ainda:

[...]às vezes eu percebo que uma dificuldade que é criada pelo profissional é quando ele pensa que o instrumental é só ele quem leva, será que o outro?.. é sempre a gente que tem o instrumental? Como se fosse o médico que tem o bisturi, será que o outro não trás nada? É sempre a gente que leva? Eu acho que o momento mais forte aqui dessa entrevista é quando eu falei “que coisa é essa de que sempre é o outro que tem problema?” quando eu falo do ouvir e do ver “porque sempre é o outro?”, olha, eu mesmo por ser rapper e poeta, a gente pode pegar aqui a questão do teatro, o teatro é maravilhoso, é a mesma coisa da pessoa falar “ah, o adolescente é tímido”, então a gente pressupõe que pessoas tímidas não fazem teatro? Mentira! Talvez no teatro a pessoa consegue, ela consegue colocar pra fora, porque no teatro ela vai encenar “Opa, aqui eu consigo!”, aí ela consegue encenar e ser ela, e aí a gente olha de maneira comum que aquele papel que você interpretou foi maravilhoso, “Não, eu não interpretei, sou eu”, está entendendo? (Vulgo Elemento)

Um outro ponto também é entender porque que a arte tem que ser tratada na margem e não dentro do rio, quando eu levo as oficinas para um contexto institucional e eu dou um novo molde na forma de lidar com a questão, e em estudo de caso eu falo assim “olha, o adolescente tal, que há hipótese de tal coisa devemos repensar, porque de acordo com os sintomas não confere com a realidade”, o que que eu faço? Eu tiro uma coisa que está na margem e coloco dentro do rio, e coloco dentro do bote, dentro do barco; eu acho que quando você me pergunta a questão do tema com o Serviço Social eu acho que é a gente entender que a arte não deve ou não deveria estar na margem, mas dentro do barco conosco. (Vulgo Elemento)

Ao falar sobre os impactos, Pina afirma: “*eu defendo a arte como uma possibilidade de fortalecimento do sujeito coletivo*”, e destaca, ainda:

Dos resultados que eu alcancei foram todos muito surpreendentes, foi muito surpreendente porque eu sempre apostei muito, eu sempre saí muito do lugar comum, eu sempre arrisquei demais enquanto assistente social. (Pina Bausch)

Vulgo Elemento, realizando oficinas com grupos de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação, ressalta que as atividades de cunho prático-reflexivo trouxeram à tona mudanças, com a possibilidade dos adolescentes posicionarem-se,

expressarem-se. Destacou, também, a importância do cuidado com os profissionais que estão no trabalho direto com esses sujeitos.

[...] o aspecto positivo com os adolescentes foi a possibilidade deles se posicionarem, a questão deles se expressarem da forma que eles se sentiam bem, isso é um resultado positivo do adolescente virar e falar assim: “eu lembro quando você disse isso” [...] Percebo assim, que as mudanças estão na forma de ver a vida e de se colocar na vida. Agora, não paro por aí, a minha questão é: vamos educar o educador, vamos cuidar de quem cuida, entendeu? (Vulgo Elemento)

Outra questão relatada pelo entrevistado refere-se às diversas possibilidades de atuação quando está em pauta a articulação entre arte e Serviço Social, mas atentando para a sensibilidade no trato com públicos específicos; preocupa-se com os limites da proposta, afinal, não se trata de um método fechado, mas que precisa ser adaptado aos diversos segmentos a que se aplica.

[...] eu vejo que é uma metodologia, é um trabalho que não tem fronteiras, mas é necessário que se tenha limites, não tem fronteiras, ou seja, eu percebo que com essa minha metodologia eu trabalho em qualquer lugar, eu trabalho com qualquer público, mas a criança não vai entender que poesia é voar fora da asa¹¹, é muito concreto pra ela, entendeu? Eu vou ter que ver uma literatura infantil, em cima de desenhos, em cima de outros instrumentos, né? Outros materiais. Eu entendo que não tem fronteiras, mas tem limites sim, e tem que ter limite, tem, o limite do entendimento desse material com esse público; igual idoso, um livro muito pequenininho [o idoso não enxergaria bem as letras] então você tem que ter essas questões, essas estratégias. (Vulgo Elemento)

Além de atentar para sensibilidade necessária na definição do trabalho quando é dirigido para diferentes perfis de público há que se destacar na fala de Vulgo Elemento, a sensibilidade para tratar de questões de conteúdo denso que estavam, muitas vezes, na vida dos sujeitos a quem se destinava o trabalho, principalmente porque, especificamente nesse caso, se tratava da experiência de trabalho num sistema prisional.

Vulgo Elemento traz a questão da negatividade, demonstrando a possibilidade de superação de uma situação, por meio de um novo modo de vê-la:

Então, temas muito polêmicos no sistema prisional...Olha os temas que eu trabalhava, vou lembrar alguns aqui: vida, amor/fé, sobrevivência, violência, política; e aí um dia eu pensei assim “caramba, como trabalhar sobrevivência num sistema como esse?”, no dia do sarau, eu lembro como se fosse hoje assim, a diretora do presídio falou assim “eu fico espantada com a sensibilidade em tratar temas tão fortes de maneira tão leve”, ela falou isso, porque quando eles trabalhavam com sobrevivência, geralmente: “O rango tá azedo! O carcereiro não sei o que...”. Não! Eu mostro pra eles “olha, tem esse caminho aqui”. E aí quando eu

¹¹ Conceito de poesia do poeta brasileiro Manoel de Barros, utilizado pelo profissional em suas oficinas.

ouvi a diretora falando isso eu falei assim “caramba, eu alcancei o resultado”, entendeu? Alcansei o resultado, qual resultado? De trabalhar uma questão não no campo do reforço da situação, mas da superação da situação, do modo como ver a situação, né?

E destaca a importância de situar a arte como forma de acesso de todos e o necessário respeito à expressão de valores:

A arte é do povo, né cara, arte não tem dono; então eu não falo assim “estou levando pra dentro de tal lugar o rap”, ele já está, só muda a forma de abordar, essa molecada toda – essa molecada o modo de dizer – os adolescentes, essa juventude do centro de internação gosta de rap, por quê? Porque o rap está na periferia, é da periferia e eles são de lá, né? E o que algumas instituições tentam fazer? É o mundo de fora e o mundo de dentro, é quando não respeita valores, a história “ó, daqui pra frente...”, aí raspa a cabeça, põe roupa branca, entendeu? Mão pra trás, peraí! Peraí, o que que é isso?

Tarsila, realizou um paralelo com o conceito de necessidades primárias/secundárias, que são tratadas nesse trabalho, e demonstrou de que modo a arte pode ser um importante elemento no trabalho da docência em Serviço Social:

Por exemplo, no espaço que eu estou, que eu dialogo, que é a docência, o aluno vai assistir as aulas como uma necessidade primária, imediata, então o que ele quer como retorno? Ele quer o conteúdo e o aprendizado. A necessidade secundária, para além do imediato – que é a proposta que os professores vão trabalhar – é no sentido de que ele veja que o espaço de sala de aula está articulado com o espaço da sociedade e que essas mediações artísticas e culturais elas são fundamentais pro entendimento daquele conteúdo que é imediato, e aí assim, a gente tem como proposta, por exemplo, como resultado disso, a organização política dos alunos, por exemplo o movimento estudantil, é algo que vai despertar bastante interesse, os alunos da Faculdade X, principalmente, têm uma representatividade bastante legal no movimento estudantil, na organização dos eventos, que a gente tem dois eventos por ano: a semana cultural e a semana acadêmica. A articulação dos alunos, a participação dentro desses espaços de organização, e também no seu cotidiano lá no dia-a-dia porque isso também possibilita essa reprodução que vai para além dele, mas vai para a sua sociabilidade, que a arte ela tem essa importância também, ela vai ser reproduzida na sociabilidade do ser social, então é muito legal que eles acabam ocupando espaços dentro da universidade, mas também fora, espaços, sei lá, sarau, nos movimentos sociais, partido político, então assim, isso não é só responsabilidade da arte, dessa necessidade secundária, como tá colocado, mas isso articulado à necessidade imediata e ao Projeto Político pedagógico coletivo, foi possível que esse aluno tivesse esse perfil de estar se inserindo dentro desses espaços. Então é um impacto que envolve a mediação em si, mas uma série de outras propostas que não é a arte pela arte, como eu já falei no começo, não é a arte pela arte e sim esse conjunto que envolve uma proposta política, uma proposta pedagógica, uma proposta de enfrentamento diante das expressões da questão social. (Tarsila)

O campo da formação profissional apareceu como uma forma de conscientização pela arte, que impactou positivamente os sujeitos enquanto discentes do curso; trata-se de um

método que provavelmente, como uma via de mão dupla, irá motivar os discentes em seus papéis enquanto de profissionais, para que compreendam a relevância de ações nesse sentido para a prática profissional.

3.2.6 Influência da práxis artística na práxis social.

Como já fora apresentado neste trabalho, a práxis é entendida como atividade humana transformadora da realidade natural e humana. A práxis artística se concretiza na medida em que por meio de atividade cognoscitiva é possível produzir uma expressão artística. Já a práxis social é considerada como aquela que leva à produção de uma nova realidade política, econômica ou propriamente social.

Toda ação tem uma finalidade, e por mais utópico que possa parecer, é importante analisar em que medida os assistentes sociais vislumbram a práxis nas atividades que exercem, até como forma de dar sentido à prática que realizam. A riqueza de experiências dos sujeitos entrevistados demonstra que a práxis pode sim ser uma realidade no trabalho do assistente social.

Ao ser questionado sobre uma possível influência da práxis artística na práxis social, Vulgo Elemento se posiciona afirmando que há possibilidades, mas expõe desafios, justamente por conta de haver um “fosso” que diferencia a vida dentro da instituição e fora dela, pois ao sair da instituição “retornando” à sociedade o sujeito se vê diante de problemas estruturais que dificultam a aplicação daquilo que fora apreendido com as oficinas.

Eu acredito que sim, mas compreendendo os desafios e as especificidades de uma coisa e de outra, isso vai caber exatamente o exemplo do adolescente – mudou aqui dentro [centro de internação para cumprimento de medida socioeducativa], mas lá fora não mudou – então eu acredito que há possibilidades, mas compreendendo os limites, entendeu? Eu acho que o exemplo do menino que muda aqui dentro e não muda lá fora vai trazer isso. Ele internaliza um conceito, um conteúdo [...], porque a instituição ela faz isso mesmo, o mundo de fora e o mundo de dentro, o mundo de fora e o mundo de dentro, então “lá no mundo eu vou fazer”, perai, você está em júpiter? Pra questionar, porque ele não está no mundo da lua, né? O meu trabalho como assistente social é pautado pela práxis e eu acho que isso, acho não, certamente isso envolve o mundo, envolve a relação das coisas, a conjuntura das coisas, e no que diz respeito ao social eu tenho que compreender que nem todas as respostas vão ser de cunho social, algumas respostas vai me demandar um outro tipo de leitura, um outro tipo de leitura, um outro tipo de fazer, se os problemas mudam as ações também devem mudar.

Pina parte da perspectiva micro, demonstrando como a mudança se inicia no próprio sujeito; é importante realizar essa análise para compreender que as alterações só vão se concretizar a partir da consciência interna de cada um, não há como concretizar transformações se não partir dos próprios sujeitos em sua individualidade.

[...] eu acho a beleza muito potente, eu defendo isso, eu sinto isso, eu trabalhei com isso, eu vi isso nas pessoas, eu acho a beleza muito potente! Eu acho que a beleza não é só o perfeito, a gente confunde muito beleza com perfeição, posso dizer que faz as pessoas...é fundamental pra pessoa, toca a vitalidade da pessoa, seja coisa boa, seja coisa ruim, toca a vitalidade, eu acho isso muito potente, eu acredito nisso, eu vi isso, eu vi o que é uma dona de casa há 20 anos cozinheira com as mãos calejadas entrar em contato com o corpo, com a expressão aberta, dilacerada pra expressar isso, né? (Pina Bausch)

Tarsila se remete a conceitos relativos à função social da arte para exemplificar a possibilidade de uma práxis social:

Sim, da minha experiência sim, da minha experiência sim, mas isso... é o que a gente lê o tempo todo, mas é possível sim, porque teoricamente o debate é...porque assim tem alguns críticos, algumas tendências que vão fazer uma crítica à relação da forma e o conteúdo da arte, então o que não pode separar: o conteúdo artístico do seu criador; isso não pode, não dá pra separar, e ao mesmo tempo colocam um peso muito grande no conteúdo artístico e no seu criador, nesse sentido da função social que ela pode despertar. É... no sentido dessa práxis artística, então assim, toda produção ela vai ter um significado, independente de quem a produziu ela vai ter um significado social, a Heller já discute isso, que ela [arte] é história e consciência da humanidade, então por isso que ela retorna a cotidianidade e sobrevive, o conteúdo, a essa práxis artística, não a arte no sentido mercantilizado produzido industrialmente, mas é essa atividade criativa. Agora, ela tem essa função, porém – e aí esse é o grande debate que se faz – é que essa produção tem que estar vinculada a uma função do seu criador no posicionamento político, entendeu? Que ele vai expressar aquilo da realidade, mas que não é apenas aquilo inconscientemente falando, mas decorre de quais condições materiais, de produções sociais, e que por isso tem uma função que não é só na sua obra artística, mas ele enquanto pessoa. Então, ela [arte] tem uma influência, falando do conteúdo em si ela tem essa influência, agora, falando do seu criador, de quem a cria ela também tem uma influência, tem uma função social de quem criou, e aí no debate é: exige-se um posicionamento dele diante dessa função, do significado do que isso vai possibilitar pra sociedade ou não? Então é uma crítica bastante complicada [...]

De todo modo, está presente na fala dos sujeitos entrevistados uma forte crença na possibilidade de suas ações impactarem numa práxis social; apesar de todas as limitações, há uma busca constante pela superação dos desafios que estão postos. Assim, é possível

reconhecer um trabalho que pode ter repercussão para a prática do assistente social e sua contribuição da construção da práxis humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo pretendemos realçar um modo peculiar de concretizar a prática profissional do assistente social, utilizando como mediação o elemento artístico, sendo especialmente reconhecida pelos entrevistados a arte como “um campo de possibilidades infinitas”.

Ao percorrer o caminho de análise da arte como mediação da prática profissional do assistente social, buscamos obter uma base que sustentasse a compreensão de tal estudo, portanto, partimos do pressuposto da importância da arte na vida social, com ênfase numa possível prática educativa e reflexiva.

A pesquisa possibilitou visualizar os desafios e impactos da ação de profissionais do Serviço Social que têm trajetórias de trabalho marcadas pela utilização de recursos artísticos e se propõem a realizar este trabalho, pois acreditam em sua pertinência.

Para os três sujeitos entrevistados, o ato de remeterem-se a um embasamento teórico é fundamental para o exercício da prática proposta. E para além da materialização de ações, há uma dedicação pessoal, por parte desses sujeitos, em produzir conhecimento acerca dessa temática de modo a enriquecê-la.

Não se pode negar que, para estes profissionais, a utilização da arte é também componente motivacional pessoal, pois estão movidos por forte afinidade com esta ou mesmo por acumularem em suas histórias de vida o papel de artistas.

Mas acima de tudo, está a compreensão de que a utilização da arte não se limita ao cumprimento burocrático das demandas institucionais, mas assume a função de provocar um diferencial na vida dos sujeitos que chegam com uma demanda primária nos diversos serviços em que atua o assistente social.

Além disso, tal proposta de trabalho materializa a expansão das abordagens técnicas, pois, uma questão interessante, trazida pelos sujeitos, foi a necessidade de construir uma metodologia que sustentasse questões que os instrumentos tradicionais, por si só, não comportam.

Os instrumentais tradicionais são de extrema importância, mas as vias alternativas de ação se mostram de grande valia para suprir uma dada carência, afinal, os profissionais percebem determinada limitação em relação aos instrumentos, ou seja, eles não são suficientes para responder às questões multifacetadas das demandas que chegam até os espaços ocupacionais.

A proposta de trabalho apresentada pelos profissionais, representa um modo bastante democrático de ação, pois é construído junto com o sujeito e mantém intrínseca relação com a realidade vivenciada por este sujeito; inicia-se aqui a formação do vínculo entre usuário e profissional pautado na horizontalidade relacional.

Infelizmente, na formação profissional, estudos acerca da arte e da importância da questão estética na vida social quase não é presente nos cursos de formação. Isso demonstra a necessidade da profissão em expandir seus estudos e pesquisas para avançar no conhecimento e, conseqüentemente, aprimorar-se constantemente, ao invés de fechar-se em si mesma, para não ocorrer limitação e atrofiamento.

No discurso dos profissionais entrevistados, foi possível verificar a potência da arte em diversos momentos da prática; como decorrência as ações se materializam em relações essencialmente permeadas pelo respeito, por meio das quais é possível adentrar nas questões mais íntimas relativas a vida dos sujeitos usuários dos serviços.

As práticas utilizadas pelos profissionais compõem um campo de ação que agrega o ato de intervir na extrema fragilidade humana, com a possibilidade do acolhimento, do despertar da consciência, da suspensão do cotidiano.

Ao longo deste estudo foi possível entender a arte, como uma necessidade de satisfação geral do homem de humanizar o que toca, pois essa é uma das formas pela qual ele afirma sua essência e reconhece o mundo objetivo. Mas algo que também se fez aparente foi o fato da arte propiciar a produção da participação da pessoa e seu envolvimento na materialização de posicionamentos, de expressão e de formação de pensamentos sobre a vida.

Nesse aspecto temos que considerar a importância da arte como uma necessidade humana de criar, produzir, ou seja, sua função objetiva e concreta na vida humana, mas também considerar a capacidade que ela possui de instigar os sentidos para o processo reflexivo, ou seja, sua função subjetiva.

É importante lembrar que não estamos refletindo numa dimensão romântica do que a arte é capaz de proporcionar mas de que, por sua força e significado, pode trazer a solução para se trabalhar com as expressões da questão social, compreendendo que a arte não substitui políticas públicas.

É nesse contexto que buscamos entender a articulação entre arte e Serviço Social, como um modo peculiar para enriquecer as ações profissionais do assistente social, algo que possa provocar alterações na vida dos sujeitos e no modo como eles veem o mundo, que possa influenciar as ações do poder público na conquista de melhorias objetivas ao mesmo tempo em que humaniza, tocando a essência subjetiva.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marina Maciel. **Serviço Social e a organização da cultura:** perfis pedagógicos da prática profissional. São Paulo: Cortez, 2002.

BAPTISTA, Myrian Veras. A ação profissional no cotidiano. In: MARTINELLI, Maria Lúcia; RODRIGUES, Maria Lucia; MUCHAIL, Salma Tannus (Orgs.). **O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber.** São Paulo: Cortez, 1995. p.110-121.

COUTO, Berenice Rojas; YAZBEK, Maria Carmelita; SILVA, Maria Ozanira; RAICHELIS, Raquel. (orgs.). **O Sistema Único de Assistência Social no Brasil:** uma realidade em movimento. São Paulo: Cortez, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 25. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FISHER, Ernst. **A necessidade da arte.** Lisboa: Ulisseia, 1963.

GUERRA, Yolanda. *A instrumentalidade do Serviço Social.* 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Instrumentalidade no trabalho do Assistente Social. In: **Capacitação em Serviço Social e política social:** Módulo 4: O trabalho do assistente social e as políticas sociais. Brasília: CEFSS/ABEPSS/CEAD/UNB, 2000a. p. 51-63.

_____. Instrumentalidade do processo de trabalho e Serviço Social. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 62, p. 5-34, mar., 2000b.

HELLER, Agnes. **Além da Justiça.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____. **O cotidiano e a história.** 8. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2008.

IAMAMOTO, Marilda Vilela; CARVALHO, Raul. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. 34. ed., São Paulo: Cortez, 2011.

LUKÁCS, Georg. **Introdução a uma estética marxista**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.

MARSIGLIA, Regina Maria Giffone. O projeto de pesquisa em Serviço Social. In: **Capacitação em Serviço Social e Política Social: Módulo 5: intervenção e pesquisa em serviço social**. Brasília: CEFSS/ABEPSS/ CEAD/UNB, 2001. p. 19-44.

MARTINELLI, Maria Lúcia. Notas sobre mediações: Alguns elementos para sistematização da reflexão sobre o tema. In: **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, Cortez, n. 43, 1993.

_____. Uma abordagem socioeducacional. In: MARTINELLI, Maria Lúcia; RODRIGUES, Maria Lucia; MUCHAIL, Salma Tannus (Orgs.). **O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber**. São Paulo: Cortez, 1995. p. 139-151.

_____. (Org.). **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo. Veras Editora, 1999.

MARX, Karl. **Introdução à crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

NETTO, José Paulo. Introdução ao método da teoria social. In: **Serviço Social: direitos e competências profissionais**. Brasília: CEFSS/ABEPSS, 2009.

NUNES, Benedito. **Introdução a filosofia da arte**. 3. ed., São Paulo: Ática, 1991.

PEREIRA, Potyara Amazoneida Pereira. **Necessidades humanas: subsídios à crítica dos mínimos sociais**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PONTES, Reinaldo Nobre. **Mediação e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. A categoria de mediação em face do processo de intervenção do Serviço Social. In: **Metodologias e técnicas do Serviço Social**. Caderno Técnico, n. 23. Brasília: Sesi, DN, 1996.

_____. Mediação: categoria fundamental para o trabalho do assistente social. In: **Capacitação em Serviço Social e política social: Módulo 4: O trabalho do assistente social e as políticas sociais**. Brasília: CEFSS/ABEPSS/ CEAD/UNB, 2000. (p. 36-50).

PRATES, Jane Cruz. A arte como matéria prima e instrumento de trabalho para o assistente social. Revista **Textos & Contextos**, Porto Alegre v.6 n.2 p.221 232 jul. dez. 2007.

READ, Herbert. **Arte e alienação: o papel do artista na sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

RODRIGUES, Maria Lucia. O Serviço Social e a perspectiva interdisciplinar. In: MARTINELLI, Maria Lúcia; RODRIGUES, Maria Lucia; MUCHAIL, Salma Tannus (Orgs.). **O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber**. São Paulo: Cortez, 1995. p. 152- 158.

RODRIGUES, João Antônio. A questão do método na teoria social de Marx e o Serviço Social. In: **Instituto de Pesquisas e Estudos – Divisão Serviço Social. Construindo o Serviço Social**. Bauru, n. 6, p. 111-156, maio, 2000.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 2007.

SENNETT, Richard. Respeito: a formação do caráter em um mundo desigual. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SERRES, Michael. **Variações sobre o corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SHAMA, Simon. **O poder da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SILVA, Maria Lucia Lopes. Um novo fazer profissional. Capacitação Modulo 4; Funções desempenhadas pelo assistente social

SIMÕES, Carlos. **Curso de direito do serviço social**. São Paulo: Cortez, 2007. Biblioteca básica de serviço social; v.3

SOARES, Luiz Eduardo. A violência e o símbolo. In: ALMEIDA, Carla Cristina Lima; FRANCISCO, Elaine Marlova Venzon. **Trabalho, território e cultura: novos prismas para o debate das políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUSA, Charles Toniolo. A prática do assistente social: conhecimento, instrumentalidade e intervenção profissional. *Emancipação*, Ponta Grossa, p. 119-132, 2008. Disponível em: <<http://www.uepg.br/emancipacao>>.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

_____. **As ideias estéticas de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 3. ed. 2010.

YAZBEK, Maria Carmelita. **Classes subalternas e assistência social**. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. Pobreza no Brasil contemporâneo e formas de seu enfrentamento. In: **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo: Cortez, n. 110, abr/jun, 2012.

ANEXOS

Anexo A – Roteiro de Questões

1. Faça uma descrição da proposta de trabalho que articula arte e Serviço Social, comentando quais expressões/elementos artísticos utilizados, o que levou a utilizar a metodologia.
2. Acredita que essa alternativa de trabalho teve alguma influência de sua formação profissional ou se deu por outras vias? Como enxerga a importância de métodos como esse serem abordados na formação?
3. Por que trata-se de um tema ainda tão distante do Serviço Social, haja vista a falta de referências?
4. Qual as maiores referências teóricas utilizadas para realizar ações nesse nível.
5. Acredita que a execução do seu trabalho tem relevância para despertar nos usuários categorias como a catarse e a vivência do humano-genérico?
6. Se sim, em que medida considera a eficácia de ações nesse sentido (catarse e humano-genérico) para a prática profissional do Serviço Social?
7. Quais os desafios de uma atuação nesse sentido, quando a população carece ainda de questões tão elementares ao nível das necessidades humanas como acesso a saúde, e alimentação de qualidade.
8. Qual o diferencial em um atendimento que atinge dimensões para além das necessidades primárias? (especificar questões como: ir além do mero cumprimento de demandas institucionais ou enquadramento ao sistema/ via de garantia de direitos sociais articular ações capazes de proporcionar aos sujeitos a transcendência da cotidianidade)
9. Considerando sua prática numa relação em que o usuário é encaminhado ou procura o atendimento a uma necessidade primária, tem esta atendida (ou não) via prática profissional do assistente social (entrevistado). Na mediação deste atendimento houve a articulação com a arte, com finalidades secundárias. Quais os impactos que essa relação pode ter gerado para o usuário, mesmo que seja num retorno ao atendimento em outra ocasião?
10. A partir da experiência de sua prática, considera que a práxis artística pode ter influência para uma práxis social?

11. Cite alguns resultados positivos e restritivos tentando demonstrar em que medida essa metodologia se aplica ou não se aplica